A VIDA FAMILIAR NO MASCULINO
Negociando velhas e novas masculinidades

Coordenação | **Karin Wall**
Sofia Aboim
Vanessa Cunha

COMISSÃO PARA A IGUALDADE NO TRABALHO E NO EMPREGO

Título: "A Vida Familiar no Masculino: Negociando Velhas e Novas Masculinidades"

Colecção: "Estudos"

Coordenação: Karin Wall
Sofia Aboim
Vanessa Cunha

Edição: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego
Rua Viriato, n.º 7 – 1.º, 2.º e 3.º – 1050-233 LISBOA
Tel.: 217 803 700 • Fax: 213 104 661
E-mail: cite@cite.gov.pt • Sítio: www.cite.gov.pt

Execução gráfica: Editorial do Ministério da Educação

Depósito Legal: 306 082/10

ISBN: 978-972-8399-46-7

Tiragem: 2000 exemplares

Lisboa, 2010

O conteúdo desta publicação não reflecte necessariamente a posição ou opinião da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

ÍNDICE GERAL

Índice de quadros e gráficos 5

Notas sobre as autoras 7

Agradecimentos 9

INTRODUÇÃO 11

PARTE I

ESTADO, FAMÍLIA E TRABALHO: DO GANHA-PÃO MASCULINO AO DUPLO EMPREGO NO CASAL 37

Cap. 1 Género, família e mudança em Portugal 39
Sofia Aboim

Cap. 2 Os homens e a política de família 67
Karin Wall

PARTE II

HOMENS ENTRE O TRABALHO E A FAMÍLIA 95

Cap. 3 A conciliação entre a vida profissional e a vida familiar em casais com filhos: Perspectivas masculinas 97
Karin Wall

Cap. 4 A articulação família-trabalho em famílias monoparentais masculinas 129
Sónia Vladimira Correia

PARTE III

VIDA CONJUGAL E IDENTIDADES MASCULINAS 157

Cap. 5 Conjugalidades no masculino: Renegociando poderes e identidades no quotidiano 159
Sofia Aboim

Cap. 6 Os discursos de género: Mudança e continuidade nas narrativas sobre diferenças, semelhanças e (des)igualdade entre mulheres e homens 225
Maria do Mar Pereira

PARTE IV

CONSTRUINDO A PATERNIDADE 263

Cap. 7 Projectos de paternidade e a construção da fecundidade conjugal 265
Vanessa Cunha

Cap. 8 Perfis de paternidade no Portugal contemporâneo 313
Karin Wall, Sofia Aboim e Sofia Marinho

PARTE V

PARENTALIDADE MASCULINA NO PÓS-DIVÓRCIO E NA RECOMPOSIÇÃO FAMILIAR 333

Cap. 9 Ser pai na residência alternada: Dinâmicas, trajectos e contextos da paternidade 335
Sofia Marinho

Cap. 10 O lugar do padrasto no quotidiano familiar 397
Susana Atalaia

CONCLUSÕES: Negociando velhas e novas masculinidades 457
Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha

Referências bibliográficas 473

Anexo I – Apresentação dos entrevistados 501

Anexo II – Guião de entrevista 511

ÍNDICE DE QUADROS E GRÁFICOS

QUADROS

I.1 Tipos de Família 25
I.2 "Tempo" biográfico e familiar 27
I.3 Percurso conjugal 29
I.4 Percurso parental 30
I.5 Caracterização socioeconómica 32
1.1 Evolução da escolaridade e taxa de actividade, 1981-2008 43
1.2 Remuneração média mensal de base, no Continente, por sexo Unidade: € 43
1.3 População empregada por sexo e profissão, Portugal 2008 44
1.4 Trajectória profissional da mulher e do homem em casais com filhos em idade escolar 45
1.5 Formas de divisão do trabalho profissional em casais entre os 20 e os 49 anos, em que pelo menos um dos parceiros está empregado (% de casais) 49
1.6 Proporção de "trabalho" realizado sempre ou muitas vezes por cada pessoa/grupo de pessoas por tipo de tarefa actualmente (n=1776) 51
1.7. Proporção de "cuidados aos filhos" realizado sempre ou muitas vezes por cada pessoa/grupo de pessoas por tipo de cuidado actualmente (n=1776) 52
1.8 Formas de divisão do trabalho doméstico (n=1776) 54
1.9 Número de horas semanais dedicadas às tarefas domésticas em casais dos 18 aos 65 anos 57
1.10 Padrões de divisão do trabalho em casais dos 18 aos 65 anos, por país 59
1.11 Atitudes face à divisão do trabalho, Portugal (n=1092) 62
1.12 Atitudes dos homens relativamente aos papéis masculinos na vida familiar e profissional 65
2.1 Licenças no masculino (1984-2009) 85
2.2 Gozo das licenças em números absolutos, índice sintético de fecundidade e número de nascimentos (2000-2008) 87
7.1 Distribuição percentual de homens e mulheres pela existência ou não de filhos e pelo número médio de filhos, segundo o grupo etário – Portugal, 1997 269

Capítulo 5 Conjugalidades no masculino: Renegociando poderes e identidades no quotidiano

Sofia Aboim

Introdução

Procurando entrar no "lado de dentro" da vida familiar a partir de um ponto de vista masculino, este capítulo tem como principal objectivo descrever e explicar o funcionamento interno da família conjugal na sociedade portuguesa contemporânea[1]. Desvelando uma realidade ainda pouco conhecida, pretende-se, acima de tudo, compreender de que formas as práticas e as identidades dos homens, historicamente associadas ao mundo da vida pública e do trabalho profissional, se têm vindo a construir, e também a transformar, no seio do casal e da família à medida que a masculinidade tradicional se foi alterando e os homens começaram a assumir novos lugares na esfera privada.

Na verdade, a construção histórica da "família moderna", que, desde o final do século XIX, constituiu uma preocupação central das ciências sociais, como tão bem reflectem as teorizações de Durkheim (1975 [1895]) ou de Parsons (Parsons and Bales 1955), dificilmente pode ser compreendida fora de uma perspectiva de género. É, afinal, na história da família que encontramos também desenhada uma narrativa da diferenciação social entre homens e mulheres. A transição de uma família pré-moderna fortemente patriarcal e institucionalista para formas modernas de família, certamente diferenciadas mas já orientadas para valores de afectividade e companheirismo, como propunham Burgess, Locke e Thomes na década de 1940 (1960 [1945]), representou um movimento inaugural de profunda transformação nas relações sociais de género, cujas consequências marcariam indelevelmente a segunda metade do século XX. Em décadas recentes, a passagem de modelos familiares organizados em torno de uma forte diferenciação de género para normas de crescente paridade conjugal tem reflectido mudanças profundas na situação das mulheres (Torres, 2001; Aboim, 2006 e 2007), mas tem igualmente servido para desafiar os velhos códigos da masculinidade. Hoje, cada vez mais, os homens vêem-se a braços com as exigências impostas por novos modelos de masculinidade, que têm vindo a instituir um "novo papel" masculino, mais participante e afectivo, no seio da vida privada (Wall, Aboim e Marinho, 2007).

---

[1] Nesta perspectiva, trata-se de dar continuidade, agora a partir de uma perspectiva masculina, a um trabalho anteriormente desenvolvido sobre as dinâmicas das famílias conjugais contemporâneas e a sua diversidade interna. A este respeito ver Aboim (2006) e Aboim e Wall (2002).

Sem dúvida, os ideais dominantes da masculinidade – ou seja, a masculinidade hegemónica na acepção de Connell (1987, 1995) – têm sofrido acérrimas transformações, muitas das quais interpelam directamente a esfera da vida familiar. O ideal de um "homem familializado", que hoje ganha novos contornos, não é, contudo, novo. Com o advento da industrialização e da urbanização nas sociedades modernas ocidentais, a separação entre as esferas da produção e da reprodução e a crescente importância de um casal afectivo e romântico (Ariès, 1973 [1960], Shorter, 2001 [1975]) deram novos significados aos processos de diferenciação de género. À medida que a vida familiar se tornava mais privada (Roussel, 1989), mais se institucionalizava também o modelo de um "homem familializado", cuja função seria a de proteger, sustentar e guiar a família. Este era afinal o ideal de "homem respeitável" (Collier, 1995), autoritário mas justo e leal à família, que predominou até às décadas de cinquenta e sessenta do século XX. A identidade masculina, como aliás em Portugal os valores dominantes do Estado Novo tão bem afirmavam, prendia-se assim indelevelmente à figura do "homem chefe de família", provedor do lar e responsável público pela mulher e os filhos. A ordem de género da "primeira modernidade", como é apelidada por Singly (1993), constituía, em grande medida, o produto de uma idealização dos papéis de género em que a figura masculina do provedor familiar se opunha ao feminino e ao ideal de mulher como mãe e esposa enclausurada no mundo doméstico. Porém, apesar da prevalência de uma forte diferenciação de género na vida familiar, a expansão dos códigos do amor romântico enquanto princípio fundador da vida conjugal serviu também para transformar a imagem do homem e alterar o tradicional esquema patriarcal de organização familiar (Chaumier, 1999; Luhmann, 1991). Como nota Wilcox (2004), os homens foram-se tornando "patriarcas suaves", progressivamente disciplinados pelo amor – conjugal e paternal – numa família simbolicamente representada como refúgio. Neste sentido, os ideais românticos que inauguraram um movimento de familialização e emocionalização do homem, malgrado a persistência da diferenciação, traduzem-se actualmente num elogio dos valores da intimidade e da partilha conjugal, crescentemente dominantes nas sociedades ocidentais (Giddens, 1996; Lupton, 1998; Jamieson, 1998).

A família conjugal é, hoje, como nota Roussel (1991), ao procurar complexificar a passagem da instituição para o companheirismo que Burgess, Locke e Thomes haviam proposto em 1945, palco de profundas transformações. A evolução histórica da vida familiar é assim descrita pelo autor através da progressão gradual da "família instituição", em que dominavam as finalidades de sobrevivência e uma subordinação total à instituição matrimonial, para modelos mais modernos: o de aliança, ainda fortemente institucionalizado, mas já

caracterizado pelo amor romântico; o de fusão, em que sobressai ainda mais o amor romântico no quadro de uma recusa da instituição tradicional e da afirmação da igualdade entre os cônjuges; e, mais recentemente, o de associação, que simbolizaria o triunfo do individualismo sobre o "nós conjugal". Em Portugal, a realidade da família conjugal não é muito diferente, igualmente sugerindo diversidade e hibridismo, a par de uma lenta transição para modelos mais companheiristas e igualitários.

Se em anteriores pesquisas (v. Aboim, 2006; Wall, 2005a) confirmámos este movimento no caso feminino, encontrando uma considerável diversidade de estilos e de normas de funcionamento conjugal e familiar,[2] importa comparar resultados, aplicando agora o mesmo questionamento aos homens. Manter-se-á, para eles, a mesma regra de casal fusional, onde se juntam recursos, tempos, e projectos, que agregava significativa parte das mulheres? Num contexto em que o movimento de conjugalização da família parece predominar sobre o de individualização, apesar da sua progressão nos últimos anos, será a autonomia individual mais valorizada pelos homens do que pelas mulheres, perfilando um maior peso de dinâmicas de tipo associativo? Qual o grau de inclusão dos homens no dia-a-dia da família? Será o funcionamento interno da família descrito de forma tão diversificada como a que descobrimos nos discursos femininos? Terão os valores do companheirismo, acalentados por grande parte das mulheres num movimento significativo de modernização da vida familiar, expressão semelhante no caso dos homens? Que relação

[2] Com efeito, a diversidade de tipos de família ficou bem comprovada quer pelos dados quantitativos do inquérito às *Famílias no Portugal Contemporâneo* (v. Wall, 2005a), quer através de entrevistas em profundidade realizadas a mulheres a viver em casal com filhos (v. Aboim, 2006), permitindo-nos identificar pelo menos seis grandes tipos de família, que corporificam diferentes formas de coesão conjugal, de divisão do trabalho, de valores mais tradicionalistas e institucionalistas ou mais modernistas. Encontrámos diversidade na visão feminina dos casais portugueses, não obstante o predomínio de normas de fusão conjugal, em que se procura uma partilha intensa – de recursos, momentos, identidades – com o cônjuge: o tipo "paralelo familiar", orientado por uma visão institucionalista do casal enquanto aliança de género, alia o predomínio de práticas conjugais separadas a normas de fusão familiar, que se combinam com divisões de género assinaláveis; o tipo "bastião", ainda orientado por valores institucionalistas, apresenta igualmente um perfil fusional, muito fechado ao exterior e ainda marcado por papéis de género diferenciados; o tipo "fusão aberta", elege, por outro lado, os valores do companheirismo conjugal, da intimidade e da negociação, caracterizando-se por fusão forte e por uma relativa igualdade de género; o tipo "confluente", caracteriza-se pela combinação de uma orientação fusional, ancorada na ideia de projecto familiar e de ajuda mútua, com práticas polivalentes (em que cada membro da família desfruta de algum espaço e tempo para si próprio) e papéis de género pouco diferenciados. Apenas dois tipos apresentam orientações explícitas para a autonomia individual no seio do casal. O tipo "paralelo", em que a autonomia feminina é desejada, apresenta um perfil sexualmente diferenciado e resulta frequentemente de trajectórias conjugais e familiares marcadas por lógicas de ruptura e dificuldades de integração conjugal. Finalmente, o tipo "associativo" representa a autonomia modernista, caracterizando-se por práticas polivalentes, intenções explícitas de autonomia e papéis de género pouco diferenciados.

existirá entre conjugalidade e identidade masculina? É afinal este o conjunto de questões que nos propomos investigar neste capítulo.

Sem dúvida, as transformações da vida conjugal e familiar têm tido implicações sérias do ponto de vista das masculinidades, na medida em que novos modelos de "ser homem" têm vindo a ser construídos. Actualmente, espera-se que os homens, enquanto cônjuges e pais, assumam também o lado expressivo da vida privada e se distanciem do modelo tradicional de provedor e figura de autoridade a favor de ideais de companheirismo e igualdade (Morgan, 1996; Nock, 1998). Adicionalmente, o ideal de um "homem cuidador", outrora uma função atribuída, por excelência, às mulheres, tem ganho força simbólica e institucional.[3] No entanto, as rápidas mudanças a que temos assistido dificilmente se traduzem em modelos dominantes ou numa transição linear dos ideais patriarcais do passado para um novo e singular modelo de participação e envolvimento masculino. Pelo contrário, no cenário familiar, o lugar dos homens é hoje pouco uniforme, revelando a diversidade de expectativas, práticas e valores que atravessam a sociedade portuguesa contemporânea (Wall, Aboim e Marinho, 2007).

Masculinidades e conjugalidades: Uma análise da diversidade

Investigando a diversidade e a mudança nos lugares que os homens ocupam hoje no universo da vida privada, tentamos, por conseguinte, identificar diferentes estilos de conjugalidade, vividos e falados no masculino. Observar, numa óptica microssociológica, as práticas quotidianas e as orientações normativas dos homens no casal e na família, permite-nos, de forma privilegiada, perscrutar o campo das mudanças operadas nas relações sociais de género, e saber até que ponto estas se reflectem na esfera privada, promovendo a erosão de modelos institucionalistas, sexualmente diferenciados e dominados pela autoridade masculina a favor de modelos centrados no companheirismo, numa maior igualdade de género, na reciprocidade e na negociação de poderes e de papéis entre cônjuges e entre pais e filhos. A análise das interacções conjugais e familiares, além de permitir identificar diferentes formas de conjugalidade existentes na sociedade portuguesa contemporânea, responde, assim, também a questões centrais sobre os novos equilíbrios de género na família e, neste caso, sobre as mudanças nas práticas e nas identidades sociais dos homens[4]. Urge, pois, investigar mais minuciosamente

[3] Ver Capítulo 2 neste livro.
[4] Ver Capítulos 1 e 2 neste livro.

o funcionamento interno da família conjugal, juntando interrogações clássicas da sociologia da família e da conjugalidade, interessada em acompanhar a diversificação das formas de organização da vida privada, a uma perspectiva de género que enfatiza a diferenciação entre homens e mulheres, observando-a enquanto eixo fundamental na construção do casal e da família.

Ao longo deste capítulo, tentaremos mostrar de que formas os homens portugueses a viver em casal com filhos estão a reconstruir a masculinidade no contexto da vida familiar combinando habitualmente diferentes referências e valores. Do ponto de vista metodológico, procuramos beneficiar do entrecruzamento entre várias dimensões de análise a fim de equacionar a diversidade e a mudança no funcionamento interno da família conjugal, retratada a partir de entrevistas em profundidade feitas a 37 homens a viver em casal (casamento ou união de facto, primeira ou segunda conjugalidade), todos eles pais de filhos (na actual ou em anteriores experiências conjugais). Interessa pois definir brevemente os eixos analíticos que, como veremos ao longo das próximas páginas, nos permitiram identificar diferentes perfis de dinâmicas conjugais e familiares, bem como traçar alguns caminhos prováveis da transformação das relações de género e do lugar do homem e da masculinidade na esfera privada. Organizamos a nossa análise a partir de quatro eixos fundamentais.

Em primeiro lugar, as relações de género são examinadas através da análise da divisão do trabalho pago e não pago e das estratégias masculinas de conciliação entre vida familiar e vida profissional. Damos assim particular atenção às formas de divisão conjugal do trabalho e dos recursos. Num contexto em que a grande maioria dos casais são de dupla profissão (padrão reiterado na nossa amostra de pais a viver em casal), vale a pena investigar mais a fundo qual o estatuto (material e simbólico) do trabalho profissional feminino (paritário, um apoio estrutural, uma pequena contribuição...) por comparação com o masculino, aferindo mais profundamente da (des)igualdade entre o casal. Diferentes equilíbrios na repartição do trabalho doméstico e profissional podem, obviamente, traduzir variadas formas de diferenciação de género. Num extremo, podemos ter casais caracterizados por um modelo de indiferenciação, predominando a partilha conjugal das tarefas domésticas e uma dupla profissão equitativa em termos remuneratórios e de carga horária, enquanto, num outro extremo, podemos ter vários modelos de diferenciação: o modelo de ganha-pão masculino, o modelo em que ambos têm profissão e a mulher se encarrega das tarefas domésticas, o modelo de apoio mútuo em que a mulher ajuda o homem no sustento da família, enquanto ele vai participando, quando é preciso, em algumas tarefas da casa.

Uma segunda dimensão importante prende-se com as interacções conjugais. Para observarmos o funcionamento conjugal analisaremos então as práticas e normas de coesão conjugal, um conceito clássico da sociologia das interacções familiares que se reporta à natureza do laço social que une internamente os membros da família (Kellerhals et al., 1982; Aboim 2006; Wall, 2005a). Na óptica interaccionista importa sobretudo caracterizar as relações conjugais/familiares em função do eixo *fusão/autonomia*: no primeiro caso, coloca-se a ênfase na semelhança de gostos e ideais, na junção de tempo, recursos, dinheiro e decisões, ou na partilha quotidiana de tarefas e actividades, sociabilidades e convívios, diálogo e intimidade; no segundo, tenta-se preservar, em maior ou menor grau, a autonomia de cada um em todas ou nalgumas destas esferas. Começamos por dar ênfase às interacções e à rotinização da vida, analisando a medida de inclusão/exclusão do homem nas práticas quotidianas da família, tanto instrumentais (tarefas domésticas, cuidados com os filhos, gestão do dinheiro), como expressivas (lazeres, sociabilidades, conversas). Queremos saber o que faz o homem na sua vida privada, em que momentos e com quem. Tentamos ainda aferir qual a importância do diálogo e da intimidade entre o casal: se assenta na ideia de partilha total e é muito importante ou, pelo contrário, se privilegia formas de autonomia e resguardo da individualidade.

Em terceiro lugar, procuramos analisar as orientações normativas dos homens (Berger e Kellner, 1971; Kellerhals e Troutot, 1987; Aboim, 2005a). Trata-se sobretudo de saber que valores e objectivos são fundamentais para os homens na vida familiar: se uma orientação institucional (predominância de finalidades económicas e estatutárias, normas autoritárias de funcionamento e sujeição às pressões exteriores do meio social), se uma orientação companheirista (valorização da satisfação afectiva e relacional, enfatizando-se normas de funcionamento democráticas e igualitárias). Com a análise das orientações normativas do homem face à conjugalidade e à família, privilegiamos, por conseguinte, três dimensões fundamentais. Em primeiro lugar, retratamos a maior ou menor adesão a valores do casamento como instituição ou como relação de companheirismo; as declarações feitas a propósito da diferenciação de género nas esferas pública e privada, do casamento e do divórcio, do ser marido e pai, das componentes instrumentais e expressivas da vida familiar permitem perscrutar os valores veiculados pelos homens entrevistados. Em segundo lugar, importa identificar os principais objectivos da vida conjugal e familiar: entreajuda e sobrevivência/bem-estar económico, aquisição de estatuto social, conforto e expressão afectiva, construção da identidade e realização pessoal. Em terceiro lugar, importa ainda compreender a forma como o homem se vê no cenário familiar – o

provedor, o responsável, o apoio quotidiano, o companheiro ou o indivíduo autónomo.

Finalmente, consideramos igualmente o impacto de transições familiares-chave (tais como a entrada na parentalidade, o divórcio ou a recomposição) nas práticas e identidades masculinas.

Ao longo das próximas páginas identificamos e descrevemos várias lógicas de funcionamento conjugal e familiar, assim retratando também diferentes formas de construir a masculinidade na vida privada. Analisamos 37 casos de homens, todos eles maridos e pais, mas consideravelmente heterogéneos em termos etários (de 30 a 50 e poucos anos), escolares (da 2.ª classe ao doutoramento), sócio-profissionais (desde desempregados a trabalhadores desqualificados, a profissionais técnicos e científicos ou empresários), de trajectória conjugal (de primeiras conjugalidades a situações de recomposição familiar) ou tipo de laço conjugal (de união de facto a casamento religioso). Estamos, portanto, face a um conjunto de homens bastante diferentes entre si, em representação de vários quadrantes da sociedade portuguesa contemporânea, condensada na Área Metropolitana de Lisboa.[5]

Caracterizando, passo a passo, situações diversificadas, começamos por identificar conjugalidades organizadas ao abrigo do que entendemos genericamente como um "movimento de construção do casal fusional", sinalizando, como comentam alguns autores (v. por exemplo, Elias, 1993; Giddens, 1996), o distanciamento face a uma matriz de família instituição no seu sentido mais tradicional, a favor de tendências de inclusão do homem no domínio privado, nas próprias interacções quotidianas da família. Uma segunda grande tendência de organização do casal, das relações de género e do lugar do homem na família retrata, não já a conjugalização, mas "processos de individualização no seio da família": pouco a pouco o "eu" emerge com relativa autonomia do "nós" – o casal, a família. Trata-se, em suma, do que podemos entender como um movimento do "homem familiar", acima de tudo empenhado na vida da sua família e na concretização do projecto familiar, para o "homem indivíduo", orientado para a realização de si e a autonomia individual, ainda que o casal e a família continuem a representar instâncias centrais de bem-estar pessoal. Finalmente, identificamos uma terceira grande lógica de construção da masculinidade no casal e na família, retratado um movimento de "desfamilialização da masculinidade". Trata-se agora não de situações conformes aos cânones da

[5] Ver nota metodológica e caracterização da amostra entrevistada na introdução deste livro.

autonomia modernista (relacionalista, democrática, idealmente igualitária), mas de vidas conjugais vividas de forma bastante separada em virtude do afastamento do homem, que busca realização pessoal em esferas exteriores à família.

A construção do casal fusional e a "domesticação" da masculinidade

A busca de inclusão e fusionalidade no seio do casal e da família constitui um elemento vital das identidades de grande parte dos homens. Todavia, em muitos casos não é sem dificuldades que o homem assume um novo lugar na vida familiar. Neste sentido, e de um ponto de vista masculino, esta é ainda uma história incompleta que acompanha a difícil e complexa transição da família como instituição para o casal companheirista. No entanto, em muitos casos alguns caracteres do casamento como instituição ainda perduram, ainda que matizados pelo claro declínio dos ideais patriarcais.

Com efeito, muitos homens estão simplesmente a reconstruir-se como "provedores modificados" no contexto de conjugalidades relativamente institucionalistas e *genderificadas*, em que o casal é, acima de tudo, entendido e vivido como relação de género, muito embora essa relação dificilmente se encaixe no modelo de ganha-pão masculino ou de uma família desprovida de afectos. Do ponto de vista das orientações normativas falamos, sem dúvida, de um modelo de casal aliança, centrado na produção material da vida, mas já modificado pela maior democratização das relações no interior da família e pelo apelo a uma matriz de família unida e fusional. Um segundo grande perfil designa, por outro lado, conjugalidades de estilo bastião, descrevendo um casal fusional, fechado e famililialista onde o homem encontra um "refúgio" e se define já como "estando presente" ao abrigo de ideais de apoio mútuo entre o casal. Finalmente, em estilos mais modernistas de casal fusional (de matriz companheirista, mais paritária) tende-se, em traços gerais, a acentuar o carácter relacional da conjugalidade, o esforço de inclusão do homem no quotidiano familiar e a representação de si também como cônjuge e pai afectivo e igualitário.

De uma forma geral, a construção do casal fusional, conjugalizado e voltado para o grupo familiar, constitui uma tendência importante de desinstitucionalização da família e, mais ainda, de inclusão masculina na vida privada. Constitui, em traços gerais, um verdadeiro movimento do "homem-provedor", institucionalista e regulador, para o "homem companheiro", relacionalista e democrático (Adams e Coltrane, 2005). Como veremos, a construção do

companheirismo no masculino constitui um processo atravessado por dificuldades e tensões emanadas de um modelo de masculinidade tradicional que exige aos homens investimento profissional e uma identidade ainda fortemente vinculada aos papéis da esfera pública. A permanente *bricolage* tecida entre os ideais de envolvimento masculino nas dinâmicas conjugais e parentais e o papel de ganha-pão familiar continua, em muitos casos, a gerar tensões e dificuldades.

Alianças de género: Prover sem chefiar

Uma primeira lógica de construção do casal fusional é, então, a que designamos por aliança de género, seguindo de perto a terminologia avançada por Roussel (1991), aliás já anteriormente utilizada por nós na investigação sobre as conjugalidades no feminino (Aboim, 2006). Na aliança, os caracteres institucionalistas, a primazia dada à reprodução material do grupo e o modelo da autoridade patriarcal alteram-se face à força normativa do amor romântico e ao afecto entre pais e filhos (Shorter (2001 [1975], Ariès (1973 [1960]). A figura do provedor, distante e autoritário, ecoa do passado como um mito dificilmente encaixado na realidade vivida, muito embora prevaleça, como no modelo de família instituição, uma forte segmentação das relações de género.

No presente, essa masculinidade tradicional relembrada do passado enfrenta as mudanças operadas na vida familiar: o trabalho profissional das mulheres e a consequente erosão do modelo de ganha-pão masculino vieram alterar a ordem de género. Emergem assim ideais que transmutam a figura de "provedor autoritário" na de "providenciador afectuoso". Este último aceita algum apoio da mulher no desempenho da função de ganha-pão, não obstante permanecer responsável último pela sobrevivência do grupo. Reconhece o esforço feminino, embora permaneça longe dos labores domésticos e dos cuidados às crianças. Demonstra afecto pelos filhos, mas permanece ainda distante. Resistem, apesar das mudanças na divisão do trabalho pago, lógicas de complementaridade entre papéis masculinos e femininos que legitimam visões do casal como união entre duas naturezas diferentes (Bourdieu, 1998). Consequentemente, no quotidiano predomina a separação de afazeres e de lazeres entre homens e mulheres. A família é uma unidade fundamental para a qual todos devem contribuir, mas desempenhando funções específicas e pré-definidas em conformidade com guiões de género tradicionais. As diferenças entre masculino e feminino são assim constantemente (re)feitas nas interacções familiares (West e Zimmerman, 1987).

A história familiar de Jerónimo (48 anos) é ilustrativa. Obrigado desde a infância a trabalhar, Jerónimo deixou a casa de origem na Beira Alta para tentar, na cidade, um futuro diferente do dos seus pais, ambos trabalhadores agrícolas: o pai jornaleiro, a mãe responsável pelo cultivo do pequeno terreno da família assegurava o auto-consumo doméstico. Chegou a Lisboa logo depois de acabar a 4.ª classe com apenas 11 anos, a convite de um primo que lhe deu emprego na mercearia de que era proprietário. Hoje, passados 36 anos, continua a trabalhar numa mercearia de bairro, onde há mais de 26 anos, labuta 12 ou mais horas diárias, seis dias por semana: de segunda a sábado chega ao trabalho de manhã cedo e só retorna a casa cerca das 9 da noite. A mulher de Jerónimo, empregada doméstica a cuidar de crianças, regressa pelo menos duas horas mais cedo, tempo necessário para fazer o jantar e adiantar as tarefas da casa, onde mora o casal e as suas duas filhas. A mais velha, agora com 21 anos, deixou de estudar no 9.º ano e trabalha numa papelaria, a mais nova com 16 anos estuda no 10.º ano.

O projecto de constituir família foi, desde cedo, acalentado por Jerónimo. Ser homem é, afinal, trabalhar, casar, ter filhos, assegurar o sustento da casa e o futuro da descendência. Como ele próprio refere: *Uma família começa por homem e mulher. E depois virão... os filhos*. Tal como acontece com muitos dos entrevistados, os filhos e a família são parte intrínseca da identidade masculina, sendo apresentados como finalidade da própria pessoa. No entanto, no caso de Jerónimo, este projecto familialista esbarrou com as dificuldades económicas que sempre o acompanharam. A escassez de recursos materiais impôs-se aos ideais, constrangendo-o a almejar apenas um filho, rapaz de preferência, pois como ele próprio justifica, naturalizando a opção: *... é a vida da gente, é a vida dos homens, de ser primeiro um rapaz.* Vieram, ao contrário, duas raparigas, obrigando os desejos iniciais a novos ajustes com a realidade.

As duas filhas constituem, aliás, uma referência crucial no discurso de Jerónimo, para quem casal e filhos são realidades indestrinçáveis. Por si só, o casamento, realizado pela Igreja quando tinha 25 anos, não foi suficiente para alterar os hábitos mais livres da juventude. Jerónimo gostava da mulher, mas foi a chegada das filhas que o conduziu a uma maior integração na vida familiar, bem diferente da vida de solteiro e mesmo da de casado antes de ser pai. A entrada na parentalidade accionou um processo de "domesticação masculina", exemplificando o movimento histórico de "familialização do homem" na família moderna. Mais do que o casamento e os ideais românticos de fusão amorosa, são os filhos quem, acima de tudo e todos, "domestica" o homem, trazendo-o para dentro da casa. Como nos diz

Therborn (2004) ao reflectir sobre o impacto da erosão do patriarcado no último século, uma das mais importantes mudanças operadas reflecte-se em novas formas de apropriação da criança. A perda de poder patriarcal sobre as gerações mais novas tem como contrapartida a reconstituição identitária com base num léxico de afectos que se mistura, em doses variáveis, com valores centrados na instrumentalidade e no institucionalismo. Os códigos do amor pelos filhos abrem, sem dúvida, uma janela de mudança na masculinidade tradicional. Vejamos o que nos diz Jerónimo:

> *A gente tem que pensar mais noutras coisas do que, por exemplo, de... eu quando era casado era capaz de, vá lá, de não ter aquela preocupação de, por exemplo, de ir logo pra casa. Agora, pronto, já há mulher, já há mais uma filha... ah, vou pra casa pra ver os garotos, não sei quê... Se não fosse isso, se calhar, ah, se calhar, ainda vou beber primeiro uma imperial, depois já vou pra casa, não sei quê..., é esse... não sei... há certas coisas que... devem baralhar.*

A integração familiar gerada pela paternidade sofre, entretanto, os revezes trazidos pelo crescimento das filhas, hoje com 16 e 21 anos. No quotidiano familiar, a falta do bulício das crianças deixa um vazio que a relação de casal não preenche e nem se esperaria que preenchesse. Sem as filhas, o "nós casal" perde algumas das suas funções e perde a sua finalidade central: a reprodução. Perde-se igualmente uma parte central da identidade masculina na família, restando, quando muito, a sensação de dever cumprido. A ausência de finalidade e função reflecte-se nas percepções imediatas: para Jerónimo, se faltam as filhas em casa, parece que não está lá ninguém.

> *Acho que há qualquer coisa que... que falta... preencher na casa. Porque há certas alturas por exemplo – agora as garotas já são um bocado crescidas – às vezes, ainda ontem, foram ao Colombo, ou que foi, não sei quê, cheguei a casa não tava ninguém! (Tava a mulher, só) He! Aquilo... parece que é uma casa vazia, a casa é grande, ainda por cima sem os garotos! – continuo a dizer garotos, mas é sempre as garotas, não é? – Parece que é uma casa vazia, sem barulho sem nada, não sei quê, não sei que mais, tudo em silêncio, um gajo está ali a ver o futebol, ali tudo em silêncio...*

A maior integração, apesar de introduzir mudanças numa ordem de género patriarcal, não anula, também, a forte diferenciação de género. Alterá-la seria subverter a natureza das coisas, expondo-se ao risco de uma excessiva feminização do "eu masculino". Estar na família não implica intrusão nos territórios da mulher-mãe. É elucidativa a forma como Jerónimo se refere à gravidez da mulher, procurando deixar claro o seu afastamento desse assunto feminino; faz questão de dizer que não ia com a mulher ao médico

(*é claro que não ia com ela!...*, enfatiza) e que ela levava a madrinha, outra mulher portanto.

No dia-a-dia, os momentos de interacção familiar são organizados por uma divisão *genderificada* do trabalho que, em grande medida, separa Jerónimo da mulher e das filhas, mais ocupadas com as lides da casa ou o gosto pelas novelas. As tarefas domésticas são em geral partilhadas entre as três mulheres sem qualquer participação de Jerónimo. Quando chega a casa, cansado depois de tantas horas na mercearia, limita-se a ficar sentado, a ver futebol, ou as notícias no caso de não haver futebol na televisão, enquanto as mulheres da família acabam de preparar a refeição. Depois do jantar elas arrumam a cozinha e ele vai para a sala descansar um bocadinho; quando começam as novelas a sala feminiza-se: a mulher e as filhas sentam-se a ver televisão e ele vai para a cama.

Ao domingo, único dia livre de Jerónimo, mantêm-se as rotinas de género: ele vai sozinho beber o seu café, para assim desfrutar do prazer da sociabilidade masculina, enquanto a mulher e as filhas preparam o almoço. À tarde, as compras ou os passeios pelo centro comercial são também actividades femininas, em que ele não participa a não ser muito excepcionalmente. Além das suas actividades em separado, sempre dominadas pelo labor necessário ao sustento da família, Jerónimo e a mulher partilham momentos ritualizados de interacção familiar, vivendo uma vida fechada a convívios com familiares ou amigos.

Esse lado ritualista e instrumental transparece em quase todas as respostas de Jerónimo, mesmo quando fala da relação conjugal. Gostava e gosta da mulher, e isso parece resumir, para ele, o essencial da história da relação, pouco afeita aos cânones do romantismo. Conversar ou cultivar a proximidade fusional são aspectos ausentes do seu discurso familialista e orientado para a produção da vida material. Falar da relação a dois é sobretudo falar dos momentos "funcionais" do dia, como o jantar em família. No que respeita à proximidade com a mulher, Jerónimo apenas refere jocosamente que se sente próximo quando está ao pé dela.

Ser marido, ser pai, trabalhar em prol da família fazem parte de um percurso de vida naturalizado, que se concretiza através da diferenciação de género. O trabalho profissional feminino é interpretado como um apoio ao do homem, ainda o principal provedor da família. Esse empenho, consequente de uma responsabilidade "natural", isenta o homem das lides domésticas e mesmo de uma maior participação quotidiana na vida em família. É através

dessas diferenças de género que se constroem, ao longo da trajectória familiar, as referências centrais da masculinidade. Ao esforço para prover aliam-se, entretanto, valores afectivos já distantes da autoridade associada à masculinidade patriarcal. Emerge assim uma figura matizada, a de um "homem providenciador". O "providenciador" é, pois, uma relativa modificação do provedor ideal típico. Aqui, o homem não é único ganha-pão da família, mas continua a sentir como sua essa responsabilidade. Aqui também, o homem substitui o código da autoridade patriarcal pelo de uma paternidade afectiva, que muito contribuiu para a sua identidade de "homem de família".

Construir um bastião: Ajudar e proteger

Um segundo perfil descreve a cumplicidade entre um funcionamento conjugal fusional, fechado ao exterior e internamente diferenciado e um ideal de "homem ajudante" que apoia a mulher na esfera doméstica, ao mesmo tempo que aceita o apoio desta no sustento financeiro da família. Semelhantes aos casais identificados quer por Kellerhals *et al.* (1982, 2004) na Suíça, quer aos analisados em Portugal (ver Aboim 2006, Wall, 2005a), estes casais bastião são vistos como unidades fechadas de junção de recursos, tempos quotidianos, projectos e identidades. Como no caso anterior, a finalidade principal do casal e do indivíduo é a descendência: formar uma família com filhos e sustentá-la resume o essencial. A realização dessa tarefa depende igualmente da complementaridade de género entre homem e mulher, cujas diferenças se materializam na divisão do trabalho e nas competências distintas da maternidade e da paternidade.

No entanto, dois aspectos importantes demarcam estas lógicas das anteriores, dando corpo a um importante movimento de transformação da vida familiar e das relações de género na sociedade portuguesa. Por um lado, apesar da permanência de diferenciação, o ideal de cooperação conjugal é trazido para dentro da organização familiar, amenizando a pesada ortodoxia da família instituição. O lugar do homem é concebido de forma mais integrada na vida familiar. A mulher apoia o "papel masculino" de provedor da família, ainda uma fonte de identidade importante para o homem; este apoia o "papel feminino" no mundo doméstico. O homem sente que deve participar no quotidiano familiar; embora não seja aí o protagonista, deve apoiar, mostrando empatia e disponibilidade. A norma de apoio mútuo tem aqui uma força matricial, orientando quer as acções quotidianas e a organização da família, quer as mutações operadas na ordem

de género tradicional. A profissionalização feminina, ao levar a mulher para a vida pública, reduz a polaridade dos papéis de género, impondo novos modelos na vida doméstica, mais exigentes de participação masculina, em concordância com regras de justiça distributiva.

Por outro lado, a dimensão expressiva da vida conjugal e familiar é enfatizada, elogiando-se um ideal de família-refúgio, espaço de afectos, apoio e identidade. A vitalidade da norma de apoio coloca estes casais, e estes homens, algures a meio do movimento histórico da instituição para o companheirismo, diagnosticado por Burgess, Locke e Thomes (1960[1945]) nos anos quarenta do século XX. A par de uma menor diferenciação de género, a ênfase nalgumas qualidades expressivas dos homens (ser um marido compreensivo, ser um bom pai) constituem sintomas de desinstitucionalização da família. Embora outros ideais – como a rejeição do divórcio, a crença em diferentes naturezas de género, o familialismo e a orientação para objectivos instrumentais – denunciem lógicas mais institucionalistas, os elementos de modernidade accionados no plano da divisão do trabalho e no dos afectos colocam em evidência a emergente reconfiguração do lugar do homem na família.

Várias histórias familiares materializam este ideal de "homem ajudante e protector". São protagonizadas por indivíduos de origem camponesa ou operária, eles próprios operários, na sua maioria casados uma primeira e única vez pela Igreja aos vinte e poucos anos. Como ilustram as histórias que reconstituiremos brevemente, em contraste com os casais do mundo camponês, que no passado aliavam a autoridade masculina a uma dose considerável de separação quotidiana entre homens e mulheres (Wall, 1998), a vida operária na cidade associou-se, como sucedeu aliás também no campo a partir de meados de 1980, a um movimento de conjugalização da família, favorecendo ideais de casal romântico e fusional, fechado sobre si mesmo e sobre os filhos (Aboim, 2006).

Armando (37 anos) é um desses homens. Nascido e criado em Lisboa, onde residem ainda os seus pais e os seus sogros, Armando reproduziu a condição de classe de origem, continuando a trabalhar na fábrica como operário especializado em metalomecânica, formação que obteve depois de ter completado o 9.º ano de escolaridade. Conheceu a actual mulher quando tinha 20 anos, na altura em que estava na tropa, vindo a casar dois anos e meio depois. Tiveram três filhos: a filha de 13 anos, o filho de 8 e o bebé de 2 anos. A mulher, actualmente empregada de limpeza num centro comercial, sempre trabalhou profissionalmente, excepto quando problemas de saúde a obrigaram a alguns períodos de interrupção. Embora não tanto como

Armando, passa bastantes horas fora de casa, obrigação que exige esforços redobrados na organização da vida doméstica. António, de 44 anos, é casado há 22 anos e pai de dois filhos (um rapaz de 20 anos e uma rapariga de 7). Filho único de um casal camponês, migrou para Lisboa aos 14 anos e foi viver para casa de uns tios, o que lhe permitiu completar o 12.º ano. Hoje trabalha como chefe de vendas de armazém no mercado abastecedor de Lisboa, depois de um percurso de esforço para conquistar uma posição financeira mais desafogada, que o obrigou a aceitar um horário de trabalho atípico (entre as 14 e as 24 horas). A mulher de António, telefonista e recepcionista na mesma empresa do marido, é o segundo ganha-pão da família, já que, como é habitual nestes casos, ganha menos e trabalha menos horas do que o marido.

António e Armando têm vários pontos em comum. Para ambos, o projecto familiar sempre constituiu uma prioridade. A família, acima de tudo um refúgio afectivo, é o centro nevrálgico a partir do qual organizam a vida e constroem uma identidade. Nos dois casos, a visão diferenciada do masculino e do feminino é conciliada com um verdadeiro modelo de apoio conjugal. No passado, as mulheres podiam ficar em casa, mas hoje não. Consequentemente, os homens passam a ser "pequenas muletas" das mulheres. Sem dúvida, elas são mais competentes no mundo doméstico, mas eles, como fazem questão de frisar, estão lá para o que for preciso. É, afinal, na esfera familiar que estes homens acabam por encontrar a sua principal realização. Ao serem cônjuges e pais, capazes de sustentar, apoiar e se responsabilizar pela família, alimentam a identidade enquanto homens. Uma identidade de "providenciador" mas também de "ajudante", alguém que provê e protege, mas também apoia com labor e afecto. A forma como ambos descrevem a regra de apoio mútuo que deve existir entre o casal é ilustrativa:

> **(na profissão)** *... se eu tivesse (...) mais posses, pronto, não me importava que a minha mulher estivesse em casa (...) as mulheres também gostam de exercer a sua função, e não se sentem bem em casa sozinhas...*
>
> **(em casa)** *... não deve haver regras, pronto, eu penso que se devem ajudar um ao outro, pronto, não é assim, tu fazes o comer eu lavo a loiça, pronto, acho que não é por aí, é ajudarem-se um ao outro...*
>
> Armando
>
> **(na profissão)** *Nos dias de hoje, é difícil, porque a vida não está... não está fácil. É lógico, se um casal puder trabalhar, é lógico que... eu sei que custa, os filhos sofrerem um bocado por terem de sair de casa de manhã, para ir para um infantário, para ir... mas é... se um... se um membro do casal, é lógico que seria... ou portanto... um membro do casal, se tivesse assim, "Epá, eu tenho remuneração suficiente para que*

não seja necessário os dois trabalharmos"..., não há dúvida nenhuma que seria óptimo para uma criança. Mas... nos dias de hoje, não vejo qual é o casal...

(em casa) *É sempre, é sempre... a mulher está sempre mais sobrecarregada. Não vamos dizer o contrário. (...) É lógico. (...) Ajudo. É. Há um apoio... pronto, digamos que é uma pequena muleta.*

António

A integração do homem no quotidiano da família é normalmente descrita como um processo progressivo, que vai acontecendo à medida que os filhos nascem e a carga de trabalho doméstico aumenta. Trata-se também de um processo de aprendizagem doméstica. Por vezes, essa aprendizagem já vem de antes, como aconteceu com António que teve de cuidar de um primo mais novo quando veio da aldeia para Lisboa morar em casa de uns tios, outras é algo que a mulher vai ensinando aos poucos. Apesar de em miúdo ajudar a fazer o almoço para a mãe comer no limitado tempo entre a manhã e a tarde passadas na fábrica, Armando relaciona a sua integração familiar com o nascimento dos filhos; reconhece que ajudou muito pouco com a primeira filha, mas com os outros já participou mais. Como ele próprio refere *a mulher faz o homem, e depois os filhos também vão ajudando*. Por assim dizer, o homem "familializa-se", aprendendo a conciliar as suas funções de principal provedor e a inclusão no "lado de dentro" da vida familiar. Actualmente, Armando e António têm quotidianos bastante integrados na vida das famílias. Armando leva e traz os filhos da escola, leva o filho ao futebol, põe a mesa enquanto a mulher ou a filha mais velha começam a fazer o jantar. É também ele que arruma a cozinha e faz o café. Muito pontualmente ajuda mesmo a fazer a comida. Além disso, aspira e limpa a casa, embora só de vez em quando; mais regularmente trata das plantas e faz as compras. António, por sua vez, coopera diariamente nos cuidados com a filha, já que devido ao seu horário profissional passa as manhãs em casa. Assim, fica com ela durante o período matinal e finaliza a preparação do almoço, normalmente fazendo o acompanhamento para a carne/peixe que a mulher deixou adiantada de véspera. Habitualmente, almoçam os três em casa, ele, a filha e a mulher. "Ajuda" é, pois, a palavra-chave utilizada por todos para descrever o seu "papel doméstico".

Na vida quotidiana predominam orientações familialistas. O conjunto casal e filhos é essencial para compor a dinâmica da família, delineando as fronteiras de uma pertença identitária importantíssima. Os filhos fazem parte da vida conjugal, dando-lhe uma finalidade e marcando presença constante nos lazeres de fim-de-semana e no espaço doméstico. Sem os

filhos, o casal sente-se vazio, como refere Armando; num casal, os filhos são o principal pilar, como nota António. No caso de António, o centramento da interacção familiar nos filhos é tão significativo que lhes é dada primazia em tudo, mesmo quando é preciso *sacrificar* a intimidade do casal: como ele conta, é normal a mulher trocar de lugar com a filha, para a pequena poder dormir com o pai, como sucede às vezes.

... às vezes passamos aqui um sábado, ou isso, sozinhos, e parece que não é a mesma coisa, pronto, tamos habituados àquela... àquela azafama, àquela coisa deles, pronto, não é a mesma coisa, daí eu digo que... pronto, para onde a gente vá eles também vão, pronto, tamos habituados aquilo...

Armando

... Por exemplo, a minha filha, volta e meia dá-lhe... hoje tem 7 anos, e ela hoje, ontem, deve ter dito à mãe, quando eu cheguei, "Hoje vou dormir com o pai". Quando eu cheguei a casa, à noite (...) para a cama, era 1 hora, 1 e tal, lá estava a minha filha na cama, e a minha mulher na cama dela. Pronto, é daquelas coisas que a miúda... e sempre, nesse ponto aí, houve uma... há assim uma ligação muito, muito grande, um afecto muito grande, entre pais e filhos... felizmente.
O filho é um... num casal, um filho é o pilar... é o pilar n.º 1.

António

O centramento familialista na vida privada acaba por colocar estes homens numa posição difícil. Por um lado, sentem-se responsáveis últimos pelo sustento e bem-estar da família, por outro lado, encaram esse esforço profissional como algo que os retira do espaço reconfortante da família, roubando-lhes tempo para desfrutar do "bastião" doméstico e da companhia dos filhos. Como diz António: *É muito bonito chegarmos ao fim do dia e estar o casal e estar os filhos todos juntos... mas as circunstâncias da vida nem sempre assim permitem, que é o meu caso agora*. O centramento na família leva-os, entretanto, a sentirem como sua a responsabilidade de proteger o refúgio doméstico, a mulher e, sobretudo, os filhos. O "exterior", representado, discursivamente, pelos amigos ingratos, as pessoas oportunistas, as actividades perigosas e indutoras de maus caminhos, ameaça a estabilidade e a harmonia da família. É, portanto, necessário fechar fronteiras, mesmo para proteger os filhos de potenciais desregramentos.

António é, neste aspecto, um exemplo paradigmático, levando a moldes extremos a lógica do fechamento da família ao exterior. Porém, no geral, parece haver uma correlação entre o fechamento progressivo às relações de amizade, predominantemente associadas aos tempos de solteiro, e a inclusão, também progressiva, na vida da família, onde se passa a ser outro tipo de homem: adulto, pai, responsável. Voltando a António, importa contar um pouco mais da sua

história. Preocupado com a juventude do filho mais velho, utilizou uma estratégia de choque ao tentar alertá-lo para os perigos das saídas nocturnas, quando ele tinha apenas 12 ou 13 anos. Levou-o, ele próprio, a ver Lisboa à noite, num passeio à descoberta das zonas de prostituição e droga na cidade. Pensava António afastá-lo assim de futuras quedas no desconhecido, dando-lhe condições para observar e fazer as suas opções. Actualmente é com orgulho que o ouvimos gabar o filho, que pouco sai, a não ser para a Igreja, onde se junta com os amigos e a namorada; fora isso, a casa e a família são espaços preferidos em detrimento de divertimentos exteriores, com amigos desconhecidos. Afinal, como diz António o *filho não é dos que andam na rua, é dos que estão em casa.*

Outro aspecto importante da vida destes homens encontra-se nos discursos sobre a relação conjugal. Por um lado, a intimidade e o diálogo entre o casal surgem colados à dinâmica da família nuclear no seu conjunto. Por outro lado, os lados mais expressivos da relação a dois são absolutamente inseparáveis das rotinas instrumentais do quotidiano e dos aspectos de produção material da vida familiar. O retrato que António traça do seu percurso conjugal é exemplificativo. Como ele enfatiza, a adaptação aos primeiros tempos de vida a dois decorreu facilmente porque não havia dificuldades económicas e a *dispensa estava cheia*:

> *Adaptámo-nos bem. Eu vou-lhe dizer porquê: porque... eu tinha casa, não pagava renda. O recheio da casa... o que não tinha, após o casamento, o que me deram, chegou e sobrou para rechear a casa com o que me faltava. A nível de frigorífico e arca frigorífica, na altura os meus pais tinham morto uma vaca, uns carneiros... foi a arca cheia... digamos, uma adaptação... o nosso motor de arranque, naquele tempo, foi... bom. A nível de... pronto, digamos, a nível de... de casa... A nível de casa, a nível financeiro, ficámos praticamente... minimamente, minimamente estabilizados, não... nada de exageros, sem exageros. O não pagar renda era muito importante.*

Depois, interrogado sobre os aspectos mais importantes da vida a dois, salienta o valor da compreensão entre o casal, dando o exemplo da repartição do dinheiro:

> *Um trabalho... é um trabalho diário. Digamos, é o homem, é o casal, o homem ganhar 100, e a mulher ganhar 100, juntarem os 200 no mesmo bolo. E desse bolo sair, para gerirem a casa, para A, B, C comerem. Porque vê-se muitos casais que... ele ganha 200, ela ganha 100, os dele esqueceu, e ela tem que governar a casa com os 100 dela.*

Considerada um elemento fundamental, a compreensão expressa-se sobretudo no apoio doméstico que António presta à mulher. Estender a

roupa quando ela está cansada é para este homem uma forma de demonstração da compreensão:

> *É lógico, e além disso... por exemplo, uma pessoa... o dizer-se, assim, o... vamos dividir... chega A, chega B... vamos, por exemplo, a minha mulher diz assim, "António, olha, vou fazer o jantar, dá-me uma arrumadela aqui no... nesta roupa apanha-me aquela... a roupa". É lógico. É a compreensão, ponto n.º 1. Eu tenho que compreender que enquanto ela está a fazer o jantar, eu posso apanhar a roupa.*

Demonstrar os afectos é prover/*providenciar* a mulher e os filhos, dar-lhes o que eles gostam. Nada dá mais prazer a António do que ver a filha mais pequena comer as coisas que gosta, ir ao frigorífico e sentir que nada lhe falta: para ele essa é a grande realização do projecto conjugal. Casou com a mulher porque gostava dela e continua a gostar depois de 22 anos de casamento, mas é nessas realizações quotidianas que encontra gratificação e solidifica a família enquanto "nós". António exemplifica na perfeição a justaposição entre aspectos expressivos e instrumentais. Ao falar do profundo afecto pelos filhos, expressa as emoções através de exemplos ligados à subsistência e à comida, em suma, ao seu papel de provedor da família:

> *... vamos às compras em conjunto, por exemplo, vamos ao Jumbo, ou vou... usualmente, gosto... sou eu que gosto de gerir, por exemplo, a dispensa, gosto de gerir... essas partes, pronto. O frigorífico, por exemplo, da minha filha. "Ana, o que é que tens de iogurtes?". Pronto, ela gosta dos Danoninhos, gosta de... daqueles, gosta de... há uma série delas que eles gostam. Pronto, gosto de fazer... é uma coisa que me dá gosto, é ter uma dispensa cheia, é ter (...) É uma coisa que me dá gosto. É os meus filhos abrirem a porta, e ter lá o pacotinho de leite com chocolate, ou ter lá o... umas bolachas, ou ter lá... Gosto, dá-me gosto. Dá-me gozo, ver os meus filhos. Ver a minha filha abrir a porta do frigorífico, "Ih, pai, tenho aqui Danoninhos, tenho aqui isto e aquilo... Qual é que como hoje?", e tipo, "Ana, vê lá..."*

Para António, como para outros entrevistados, a família é um bastião, um espaço gerido pela mulher, mas onde o homem presta o apoio possível, ao mesmo tempo que tem o dever de proteger e providenciar. O afecto e a compreensão entre o casal são aspectos muito valorizados, mas frequentemente exemplificados a partir de aspectos materiais da vida quotidiana. Traços do companheirismo convivem muito de perto com aspectos mais institucionalistas. A censura do divórcio, a visão do género como natureza diferenciada e baseada na complementaridade, o centramento na família como lugar de sobrevivência, o fechamento ao exterior e algum controle sobre os filhos constituem manifestações desse pendor institucionalista.

O companheirismo conjugal: Partilha e unidade

Uma terceira dinâmica de construção do casal fusional e de inclusão masculina distancia-se mais claramente do modelo institucionalista de homem provedor. O projecto conjugal e familiar continua a ser essencial, mas ao contrário dos "homens bastião", os aspectos estatutários são abandonados a favor de um discurso centrado na intensidade dos afectos e na realização emocional. Mais do que simples "ajudante", o homem procura definir-se como "companheiro" e a sua batalha, por vezes dificilmente conseguida, é a da inclusão forte no quotidiano familiar, quer nos seus aspectos instrumentais, quer nos expressivos. Ao mesmo tempo que abandona a retórica da "ajuda masculina" e a ética da responsabilidade, assume o esforço de construir uma identidade multifacetada, entre a família e a vida pública. Do ponto de vista simbólico, as diferenças de género reduzem-se, e nas práticas quotidianas encontramos homens mais participativos, embora sobrevivam desigualdades salariais (eles ganham habitualmente mais do que elas) e cargas horárias de trabalho profissional maiores para eles do que para elas.

O casal fusional companherista, semelhante às famílias fusão de Roussel (1991) ou ao estilo companherista observado por Kellerhals (1982, 2004) na Suíça e por nós em Portugal, parece ser (entre os homens entrevistados, mas também noutras pesquisas a amostras representativas da população (Aboim, 2006) consideravelmente transversal em termos de classe social, reunindo homens desde o ensino básico ao superior. A abrangência social dos ideais companheiristas, mais frequentes nas gerações mais novas, manifesta importantes mudanças operadas na vida familiar e nas relações de género em Portugal, denunciando quer a escalada dos movimentos de privatização e democratização da família, quer as transformações da masculinidade tradicional. Abertos à negociação de velhos e novos códigos de género, a luta pela inclusão numa vida familiar partilhada e fusional, contém, todavia, desafios difíceis, normalmente geradores de tensões. O maior de todos advém da junção entre feminilidade e maternidade, que impede uma igualdade de género mais plena ao reproduzir uma diferença social quase inabalável entre géneros. Adicionalmente, os percursos profissionais desiguais de homens e mulheres e os diferentes *habitus* domésticos herdados das socializações de género pesam fortemente sobre os ideais de uma masculinidade privatizada. As duas histórias que seleccionámos ilustram bem, como veremos, essas dificuldades. Constituem, ambas, excelentes exemplos da luta masculina por uma inclusão mais plena, travada sob a égide do movimento de familialização ou domesticação da

masculinidade (Collier 1995). A união total com o outro é, afinal, ameaçada quer por condições estruturais (as diferenças ao nível do emprego, por exemplo), quer por condições "de natureza" (as competências especiais da maternidade, nomeadamente). Mas, enquanto Miguel (32 anos, electricista de redes informáticas com o ensino básico) narra um percurso de inclusão progressiva nos labores domésticos e parentais, depois de ultrapassadas dificuldades iniciais, Sérgio (33 anos, licenciado, gestor de programas e dono de uma pequena empresa familiar gerida pela mulher, também licenciada) sofre as tensões de um trajecto inverso. Com o passar do tempo a vida profissional, cada vez mais exigente, foi obstaculizando a materialização quotidiana da visão fusional e partilhada do casal, obrigando-o a complicadas manobras de gestão do quotidiano e da identidade.

Miguel tem origem numa família lisboeta de classe média baixa: a mãe tinha apenas a 2.ª classe, o pai chegou a fazer a 4.ª classe. Inicialmente doméstica a mãe de Miguel começou a trabalhar a dado ponto da história familiar para ajudar o pai, antes fotógrafo e hoje motorista de um padre, a sustentar a família. No que recorda da sua infância e adolescência, Miguel exalta a figura da mãe, presente e fazedora do lar, e apaga a do pai, habitualmente ausente. Apesar de o pai ter mudado a sua postura em anos mais recentes, Miguel fala do passado e da autoridade masculina na família de forma negativa, a favor de ideais democráticos e afectivos na relação de casal e entre pais e filhos, evitando reproduzir o modelo paterno na sua própria família.

Consequência, talvez, do desejo de ruptura com o *habitus* de origem, os projectos de Miguel quando jovem eram bastante difusos (viver junto, viajar pelo mundo...), pondo de lado lógicas estatutárias e de papel a favor de aspectos relacionais e experimentalistas. Como ele refere: *Uma família? Uma família é..., acho que é um conjunto de pessoas com que a gente se sente bem. Não tem necessariamente de ser do mesmo sangue. Que se dêem bem, que se ajudem quando é preciso.* Conheceu a actual mulher num bar, começaram depois a namorar e com 18 anos foi com ela para França trabalhar. Coabitaram então durante alguns meses, até ao regresso a Portugal e ao casamento civil que Miguel realizou quando tinha 19 anos e a mulher 18. A mais velha das suas duas filhas, actualmente com 9 e 6 anos, nasceu 4 anos depois e obrigou, de certo modo, o casal a assentar: compraram casa e Miguel viu-se solicitado pelas novas circunstâncias a participar mais nas tarefas domésticas. Como ele próprio diz, acusando, como muitos outros entrevistados, os efeitos da transição para a parentalidade: *ficámos assim um bocado mais presos*. Foi, no entanto, a parentalidade que conduziu Miguel

a uma maior integração na vida familiar, como é, aliás, recorrente nas histórias masculinas. No caso de Miguel, a vontade de ser diferente do seu próprio pai, alimentou-lhe a busca de um outro lugar para si mesmo. Acima de tudo pretendia realizar um ideal de família democrática e partilhada, transmitindo aos filhos outros valores. Para Miguel, *uma família ideal numa criança é uma família onde, onde eles consigam crescer bem, que se sintam seguros, que se sintam protegidos.*

Aos poucos foi-se adaptando, embora recorde algumas dificuldades, sobretudo as cedências que fez, deixando de sair com os amigos para se dedicar mais à vida de casal: tomou, desde logo, a seu cargo a tarefa de cozinhar, uma vez que a mulher nunca gostou de o fazer, nem teve vontade aprender. Miguel aproveitou os saberes culinários que lhe ficaram da adolescência quando tinha de fazer a comida para os irmãos (quando a mãe não estava em casa) e assumiu sem maiores problemas essa responsabilidade quotidiana. Ultrapassadas as dificuldades iniciais, ganhou gosto pela vida doméstica e pelas tarefas que desempenha. Embora considere justa a divisão do trabalho na sua casa, admite que além da cozinha (que já sente como um automatismo), é a mulher quem normalmente lhe pede para fazer isto ou aquilo. No entanto, os seus ideais são igualitários e sente com normalidade o facto de ter responsabilidades domésticas a seu cargo. Afinal, a mulher trabalha como vigilante das 8 às 16 horas, pelo que seria injusto que tivesse de fazer tudo em casa.

> *Eu tive que ceder um bocado, porque eu não fazia nada e tive começar a fazer o comer porque ela não faz comer.* [risos] *Se eu queria comer tinha que o fazer e então basicamente o que mudou mais pra mim foi a parte de ter que aprender a fazer mais comer do que o que sabia e, pronto, ajudá-la nalgumas coisas. Geralmente ela é que diz "Olha faz isto ou faz aquilo"*
>
> *Tipo, se eu tiver aqui sentado não me levanto por minha iniciativa, não faço. Mas se me disser "Olha, preciso que me ajudes a fazer isto... ou aquilo..." eu aí eu ajudo. Só me levanto mesmo pra ir fazer o comer, "tá na hora de ir fazer o comer", levanto-me, mas é assim, é automático.*
>
> **(a mulher não cozinha)** *Não gosta e não sabe.* [risos] *Não gosta e não faz por gostar.*

O retrato que Miguel traça dos seus dias típicos durante a semana e ao fim-de-semana evidencia o protagonismo que tem na vida doméstica, conseguido à custa de um esforço desejado de conciliação do trabalho profissional com a família.

> *Ora bem, levanto-me sempre às 7:20H, faço o chá e as torradas, ajudo ela a vestir as miúdas, comemos, saímos à pressa, que já tamos atrasados, levo a A. ao trabalho, depois levo a elas à escola e depois vou trabalhar. Depois ao fim do dia, geralmente vou buscá-las, a A. ou vai ter à escola ou vem pra casa. Depois, chegamos a casa, deito-me sempre um bocado a ver televisão, elas geralmente trazem os trabalhos feitos da escola, depois vou ali pró quarto, para o quarto delas, jogo um bocado computador, elas também brincam lá um bocado com o computador, faço o jantar, jantamos, depois elas vão pra caminha e prontos, depois eu tenho que ir tapá-las, dou um beijo de boa noite e vou-me deitar. Basicamente um dia normal é assim.*

A inclusão na família implica retirar tempo à profissão para dedicar à mulher e aos filhos. Amenizam-se, portanto, as polaridades tradicionais entre homem/público e mulher/privada, mesmo no plano simbólico e de definição de si. Aqui, ao contrário dos homens em famílias bastião, já não é primordialmente o exercício de um papel social (o "ser" marido e pai) que define o homem adulto e responsável, mas é, antes de mais, o "estar" dentro da família que alimenta a identidade masculina, instaurando frequentemente uma visão de si marcada pela diferença face aos outros homens, mais tradicionalistas e aprovadores de diferenciação sexual no casal: ela mais em casa, ele mais na rua, seja a trabalhar ou a conviver com os amigos. Miguel exprime claramente esse sentimento de diferenciação face aos homens do seu meio social, enfatizando o carácter mais doméstico e fusional da sua masculinidade, progressivamente construída, em rota de colisão com o modelo de ausência herdado do pai.

> *Sou, sou um bocado diferente de toda a gente que eu conheço... isso é... beber um café, ou sair à noite, eu geralmente quando vou sair à noite... eu por ano, sem a A. sair à noite, devo sair pra aí umas 3 vezes, porque é, por exemplo com o pessoal do trabalho e é só homens e pronto ela não se ia sentir bem ir sair só com homens, não é, mas a maior parte das coisas que eu faço é com ela. Às vezes com outros casais não... é eles vão pra um lado, geralmente elas ficam em casa. Por isso acho que não.*

Como Miguel, Sérgio também teve uma integração conjugal precoce. A actual mulher foi a sua primeira namorada, amiga da primeira infância passada em Moçambique (embora Sérgio tenha nascido em Angola, foi bebé para Moçambique), que voltou a reencontrar aos 17 anos (ela tinha 19) no liceu. Namoraram alguns anos (cerca de 6-7) e casaram pela Igreja já à espera do primeiro bebé, hoje com 10 anos. A filha mais nova tem 8 anos. Para Sérgio tudo parece ter sido fácil na adaptação à vida de casado: já conhecia a mulher há muitos anos, já tinham tudo em comum, incluindo as contas bancárias, estavam profundamente habituados um ao outro. Este percurso conjunto

parece ser muito importante para Sérgio, que insiste em frisar as dificuldades dos casamentos tardios. Casar cedo permite uma adaptação mais fácil, promovida pelos hábitos formados a dois durante muitos anos, por esse *ter tudo em conjunto*, tão importante no desenvolvimento de uma identidade adulta. Ser homem é, acima de tudo, ser parceiro, companheiro. Assim, desde cedo encontrou na alteridade conjugal a sua referência central, como tão bem descreveram Berger e Kellner (1971) ao associarem a interacção conjugal à construção de sentido e de identidade. Como Sérgio refere:

> *Na minha opinião, a família em termos sociais não está a fazer uma execução de unidade. Cada vez mais se vêm os casais com contas separadas, com vidas completamente separadas. Eu acho que o casal tem uma vida só.*

Para Sérgio, como para Miguel, a vida de casal supõe uma intensa fusionalidade, primeiro com a mulher, depois também com os filhos. A mulher é, contudo, o elemento mediador da inclusão masculina na interacção familiar, espaço dinâmico de referência da masculinidade, neste caso. Os ideais de igualdade e de partilha seriam inviáveis fora de uma conjugalidade fusional, onde a mulher, de certa forma, continua a gerir o acesso do homem ao "mundo dos afectos" (Giddens, 1996). A proximidade emocional entre o casal é essencial. Os segredos pessoais (esse espaço de autonomia interior) e até os pequenos não ditos do quotidiano são postos de parte, num elogio rasgado de uma partilha absoluta de tudo aquilo que é individual. A conversa intensa serve o propósito de alimentar um universo e uma pertença identitária comuns. Como refere Sérgio: *Dividimos as preocupações, as alegrias, a parte chata, também (...). Falamos daquilo que está na nossa cabeça. (...) Acho que é importante haver uma transparência.* Para Miguel, a mulher é a melhor amiga, alguém a quem nada esconde: *Porque além de ser minha mulher é minha melhor amiga, se ela é a minha melhor amiga eu posso-lhe contar tudo, não tenho nada para esconder.* Na verdade, não existe falta de tempo para si próprio, apenas para o casal e a família. Procura-se partilhar tudo, evitando gastar tempo livre "fora" da família. Sair a sós restringe-se a obrigações profissionais incontornáveis e, ainda assim, Sérgio preferia partilhar esses momentos com a mulher. Veja-se como fala dos ocasionais jantares organizados pela sua empresa:

> **(sobre ela ir ao jantar)** *Preferia. Preferia de longe, porque acho que a empresa também tem que perceber que a minha vida, a partir de determinada hora, também é um bocadinho menos dedicada. Portanto, tem que se suportar também com esse custo adicional (não em termos financeiros, mas custo também de presença). Mas, pronto. Ela não quer ir. E eu no lugar dela, se calhar, também não quereria.*

Sérgio insiste na visão muito fusional do casal, mas alarga-a aos filhos. Como refere a propósito da entrada na parentalidade, *tudo gira à volta da criança*, pelo que, consequentemente, *as vontades próprias passam para segundo plano*. As normas fortemente familialistas, centradas na descendência, marcam a visão da família como unidade. A ênfase no "eu" prejudica a família, afirmação que faz em tom aceso e crítico. Em todos os momentos, desde a gestão da vida profissional e familiar às gratificações pessoais, prevalece a orientação fusional e familialista de Sérgio, construída para proteger o casal e o que chama de *mundo das crianças*, por contraposição ao mundo mais duro dos adultos. Todavia, na estruturação do seu discurso nunca são os aspectos estatutários, institucionalistas e instrumentais aqueles que se salientam. Embora invista na vida profissional e esteja hoje mais ausente do espaço doméstico que no passado, procura mostrar que só o faz até ao ponto de não prejudicar a vida familiar. Afinal, é aí que se encontram as referências mais importantes da construção identitária masculina, à laia do que Singly (2000) sugere a propósito da forte ligação entre a definição de si e o mundo privado do casal, da família.

No início da vida conjugal, Sérgio passava bastante tempo em casa. Fazia regularmente as tarefas domésticas e ajudou a tratar dos bebés, nascidos com dois anos de intervalo, embora se considerasse menos competente do que a mulher. Apesar da vontade de tudo partilhar, a primazia da mãe nos cuidados ao bebé constitui um dado natural, como sucede com a grande maioria dos homens entrevistados. No entanto, Sérgio partilhava o máximo que lhe parecia possível, levantando-se de noite, trocando fraldas, cuidando. A gestão do quotidiano era fácil, pois além de trabalharem e viverem no mesmo prédio (depois de o primeiro filho nascer fundaram ambos a empresa de *software* onde ainda hoje a mulher de Sérgio trabalha) contavam com a ajuda dos sogros, também moradores no mesmo local. Passado alguns anos, contudo, Sérgio começou a trabalhar numa empresa de informática e as mudanças na vida familiar foram acontecendo face aos imperativos das novas rotinas profissionais, mais exigentes. Apesar de nunca ter participado em tarefas como passar a ferro ou lavar as casas de banho e de incitar a mulher a contratar uma empregada doméstica, que ainda não têm porque ela não quer, inicialmente Sérgio ajudava muito mais nas tarefas rotineiras. Quando fala das tarefas que fazia sublinha a sua participação na lavagem da roupa e admite a diminuição desse esforço: *Inicialmente eu punha muito mais do que ela, confesso. Agora é o contrário. Ela põe muito mais do que eu.* Actualmente a fazer uma pós-graduação, Sérgio vê o seu tempo anda mais reduzido, o que o obriga a um complicado equilíbrio. No entanto, tem como prioridade o acompanhamento aos filhos que leva à escola de manhã e às aulas de música

duas vezes por semana. Os efeitos das suas obrigações profissionais fazem-se também sentir no tempo conjugal: *Às vezes eu e a minha mulher saímos à noite. Há muito tempo que não o fazemos, talvez porque andamos a dormir tão pouco. E, então... Não o têm feito mas fazíamos com alguma frequência já com os filhos. De vez em quando íamos sair à noite. Aí deixávamos os filhos. (...) É, é. Ter os seus momentos* [o casal]. *Claro que sim. Acho que sim.* Sérgio tenta, apesar de tudo, privilegiar o "nós-família" no seu conjunto, revelado na enorme importância das crianças e num forte empenhamento enquanto pai, aliás um dos pontos nevrálgicos de transformação em direcção a um modelo de homem companheiro. As enormes tensões na gestão do quotidiano e as dificuldades em conciliar a carreira profissional com os ideais fusionais e uma visão "familializada" da masculinidade levaram Sérgio, mais recentemente, a abandonar a posição na empresa onde trabalhava. "Ser companheiro" é assim uma ambição submetida a inúmeras tensões, levando os homens a enfrentar as dificuldades inerentes às exigências da vida profissional e a procurar vencer os obstáculos, materiais e simbólicos, à inclusão na vida privada.

A construção do casal autónomo e a individualização da masculinidade

A ideia de que na contemporaneidade a construção do casal e da família se fundaria cada vez mais em valores de autonomia individual tem sido sobejamente discutida, quer à luz das teorizações sobre os processos de individualização social (Beck e Beck-Gernsheim, 2002; Giddens, 1996), quer no âmbito da sociologia da família e do género. Roussel (1991) apresenta, afinal, os casais associativos como o ex-libris da modernidade, enquanto Singly (2000) ou Kauffman (1992) se debruçam sobre as emergentes tensões e as novas cumplicidades entre o *eu* e o *nós* na vida de casal e de família. No quadro das questões de género discute-se a transformação da ordem de género e das relações entre público e privado, identificando a passagem de um ideal de "mulher-natureza" para um de "mulher-indivíduo". Do ponto de vista das "masculinidades" debate-se o declínio da figura do homem-provedor, fonte de autoridade, encaixando este movimento na pluralização das formas familiares e das práticas e identidades de género. As dinâmicas de inclusão observadas no ponto anterior retratam, de modo plural, um movimento de conjugalização e "familialização" dos homens. A masculinidade alimenta-se, nas interacções, de uma performatividade (Butler, 1990) que, transposta para o domínio da vida privada, se alia a manifestações tíbias de individualização. De formas diferentes, é certo, a identidade masculina é familialista, dependendo da

mediação do feminino – as mães ensinam o homem, as mulheres adaptam-no – para (re)encontrar novas formas de estar na família. O "providenciador" ou o "ajudante doméstico" constroem-se como indivíduos por relação à família (sustentam, ajudam, protegem, são responsáveis); o "companheiro" define-se tanto pelo projecto familiar como pela maneira como concilia a família com o trabalho, priorizando a primeira, ou, mais importante ainda, por uma identidade conjugalizada e familialista

Há contudo outras formas de re(fazer) o lugar masculino na vida familiar. Em casais de estilo associativo, o homem quer participar na vida doméstica, quer trocar afectos e trabalho, quer ser um marido e um pai presentes, um pouco como observámos nos casos de Sérgio e Miguel. No entanto, ao contrário dos últimos, estes "homens-indivíduo" valorizam a dimensão pessoal dos seus próprios projectos, não os subordinando ao ideal de bem-estar conjunto. Daí que falemos da construção do casal autónomo, no caso masculino, também como uma translação de masculinidades familialistas para masculinidades individualizadas, sublinhando a relativa homologia com os processos de mudança habitualmente descritos para o caso feminino (Aboim, 2006). Apesar das persistentes diferenças de género, sentem-se, neste plano microssociológico, os efeitos da individualização social.

Seguidamente descreveremos três lógicas de construção do "casal associativo". Distanciando-se do ideal-tipo que alia autonomia, igualdade e intimidade, cujo *ex-libris* seria a relação pura idealizada por Giddens (1996), o tom usado pelos homens entrevistados para defender a autonomia individual é consideravelmente diversificado. Na maioria dos casos, a autonomia acaba por ancorar-se em dinâmicas de género, nas quais continuam a pesar as desigualdades entre homens e mulheres. Às vezes, como na primeira história que reconstituímos, a verbalização de uma tal orientação reveste-se de caracteres híbridos, sublinhando ora o "nós" e os ideais companheiristas, ora a margem de autonomia pessoal necessária à realização de uma carreira profissional autónoma. Outras vezes, o investimento em si próprio é cúmplice de uma mais forte desigualdade de género: um dos membros do casal constrói a sua realização individual, portanto a sua autonomia, sem paridade com o outro, acabando este por servir de base de apoio a essa estratégia mais individualizada. Só num número reduzido de casos, a declaração forte de autonomia individual se associa a formas de interacção mais igualitárias, construindo-se então um estilo de casal associativo forte, em que tanto o homem como a mulher investem na sua realização pessoal. Apesar das diferenças, algumas similitudes estruturais unem estes homens. Todos têm o ensino superior e

às vezes mesmo mais do que a licenciatura, comprovando novamente a associação entre escolaridade elevada e conjugalidades associativas (Kellerhals *et al.*, 1982, 2004; Aboim 2006).

A importância da carreira, uma identidade dividida

O exemplo que escolhemos para ilustrar a primeira dinâmica é o de Francisco, homem dividido entre um projecto de casal e de paternidade participante e a sua própria realização pessoal. Embora partilhe com os homens companheiristas a mesma orientação familialista, acaba, ao contrário destes, por sacrificar estrategicamente o tempo que dedica à vida privada em prol de uma carreira de sucesso. A dimensão pessoal da realização é vital para Francisco, sendo claramente o produto de uma estratégia realizada com relativa independência da família. É certo que ele ganha bastante mais do que a mulher, acabando esse facto por lhe constituir justificação parcial do pouco tempo passado em casa. Mas ainda que fosse diferente, a profissão e o seu espaço de afirmação continuariam a pesar na sua hierarquia de prioridades.

Francisco, de 35 anos, tem uma vida profissional muito intensa e ocupada: é arquitecto, trabalha no seu próprio ateliê, é professor de desenho numa universidade e artista plástico com várias exposições no curriculum. Uma vida profissional, enfim, que lhe deixa pouco tempo para a vida familiar, afirmação que faz explicitamente referindo que *às vezes não dá para conciliar nada*. Embora lamente o facto de não estar mais tempo com os filhos e a mulher, prefere não abrandar o seu quotidiano profissional, aproveitando o apoio da mulher, que elogia vivamente, bem como aquele que é dado a ambos no contexto familiar alargado – os pais de Francisco, os irmãos (7 ao todo, mais um adoptivo) e os cunhados marcam presença constante do dia-a-dia da família, constituindo uma forte cintura de apoio, sem a qual um investimento pessoal tão forte seria muito mais penoso. Se nenhum dos membros do casal puder estar com os filhos, ou ficar a tratar deles se estiverem doentes, têm sempre a solução da casa dos avós. Aliás, quem vai normalmente buscar os filhos à escola é o pai de Francisco. Caso contrário, a sua mulher ficaria realmente sobrecarregada e não teria sequer tempo para realizar alguns dos projectos pessoais que actualmente procura concretizar: licenciada em história, está neste momento a fazer um mestrado no período nocturno, para além do trabalho que faz entre as 10 e as 18 horas como secretária de uma associação profissional. Aliás, Francisco valoriza bastante o trabalho da mulher e procura, ao longo da entrevista, elogiar a sua

competência, apesar de reconhecer amiudadamente que, por força das circunstâncias, é ele o grande sustentáculo financeiro da família no presente. Foi a mulher de Francisco, mais velha do que ele cinco anos, quem iniciou primeiro a vida profissional e quem comprou a primeira casa do casal, quando ele ainda estava a estudar. Mas ao longo das suas trajectórias acabou por ser a carreira dele a ganhar rapidamente a dianteira.

> *É por isso que mesmo que seja à noite vou buscá-los, porque acho que eles, sinto falta deles, quer dizer, este distanciamento, o facto da pessoa não estar, não quero que exista um distanciamento exagerado, e a mim faz-me falta, e penso que a eles também, portanto, vou buscá-los, sinto isso, sinto que há ali uma falha, a pessoa devia estar mais tempo com os filhos.*

> *... em casa vive-se menos, a verdade é essa, a pessoa chega cansado e não vive aquilo que poderia viver, isso é, não é uma questão de gosto ou não, mas é uma questão real, a pessoa chega a casa tem muito pouco tempo para conviver (...) por uma questão de facto de trabalho, trabalho condiciona muito a vivência...*

> *... como estou a falar como homem – eu ainda sinto que há umas coisinhas que devem ser elas a fazer (...) As mesmas coisas, por exemplo, tratar dos miúdos e não sé que mais, eu faço tudo, mas ainda sinto, às vezes sinto isto é o papel dela, embora... gosto muito de fazer, e isso também é... eu também se calhar no meu caso porque que tenho uma profissão em que eu tenho que empreender mais, então sinto - se fosse ao contrário se calhar já não sentia – portanto, acho que não é bem o machismo é: como eu preciso de trabalhar, ahm, por razões familiares, não é? De existência, sinto que, às vezes penso "pá ela tem que tomar conta senão não consigo trabalhar". Não é no sentido, se calhar não estou tanto no sentido inicial do "acho deve ser ela a fazer", porque acho que isso tem mais a ver com aspecto profissional do que propriamente com a descriminação.*

A justificação das desigualdades conjugais é um dos elementos recorrentes do discurso de Francisco, que procura dar de si uma imagem de "homem moderno". Reflexivo e aparentemente empenhado em mudar os traços de género permanecentes da sua socialização na família de origem, Francisco confessa as suas falhas na divisão do trabalho e lamenta o "machismo" incorporado desde tenra idade. Afinal, foi educado num esquema afectuoso e democrático, mas bastante tradicional: a mãe estava em casa, não foi habituado a fazer tarefas domésticas e do, ponto de vista da liberdade sexual, os rapazes e as raparigas eram controlados de maneira muito diferente pelo pai, bastante mais liberal com os primeiros. Contudo, apesar das suas confissões, Francisco procura apresentar-se como fazedor de tarefas domésticas e como prestador de cuidados com os filhos. Mais uma vez, vai

referindo que se a mulher tivesse outro tipo de situação profissional (em que ganhasse mais dinheiro, nomeadamente) a divisão do trabalho também seria diferente. A sua concepção de equidade é baseada num ideal de justiça distributiva, que utiliza para justificar as desigualdades entre ele e a mulher, mais comprometida, sem dúvida, com a gestão da vida doméstica.

> *Isso desde o início que houve essa... eu sempre entendi aquilo como dividirmos as coisas, não... acho que nesse aspecto nem sequer fazia sentido ser doutra maneira.*

> **(cuidados com as crianças)** *... quem trata dos miúdos é a Inês (...) Dou banho, preparo o comer, visto, ahm, tudo aquilo, brinco, que também acho que é um, aliás aí acho que sou campeão, sou brinco, brinco bastante com eles, que acho que também é essa componente, faz parte... porque quero como é óbvio.*

> **(momentos em família)** *Há uma coisa que fazemos que não é jantar em casa, mas é, estamos em frente à televisão calmamente a comer. Isso é um momento que eu gosto, pronto, tou ali, uma coisa simples, quer dizer, sinto-me melhor.*

A par com o acento tónico que coloca na sua realização pessoal, procura mostrar a sua integração no cenário doméstico e familiar, muito frequentemente lamentando a falta de tempo que sente na sua vida. Como refere, *a pessoa chega a casa e tem muito pouco tempo para conviver*. Não obstante o reconhecimento, relativamente entristecido, da sua falta de tempo, afirma que desde que começaram a viver juntos começaram logo a partilhar as tarefas domésticas e os cuidados com as crianças. Foi ele que fez os móveis da casa e tratou da decoração, embora ela também desse as suas opiniões. Mudou fraldas e cuidou dos dois bebés (hoje com 6 e 5 anos) desde pequenos. Actualmente não têm empregada (já tiveram quando as crianças eram pequenas) mas vão contratar uma para passar as roupas. É ela que cozinha, pois ele não sabe cozinhar. Actualmente, cada um passa a sua roupa antes de a vestir. Ela trata da lavagem da roupa e ele ajuda a arrumar. Classifica-se como um *limpeiro*, por estar sempre a limpar e a arrumar. Considera que as iniciativas neste campo são divididas, embora a mulher faça mais em casa do que ele. Na verdade, o grande problema de Francisco prende-se com a falta de tempo para estar em casa.

No caso de Francisco encontramos cumplicidade entre lógicas individualizadas de investimento em si e lógicas fusionais de valorização da integração conjugal, do projecto de paternidade, bem como de uma inserção profunda nas relações de parentesco. É aliás essa rede de apoio forte, desde a sua mulher

à sua família de origem, que lhe permite realizar, sem maiores tensões ou sacrifícios, o seu projecto de carreira e de individualidade. Os liames, mesmo as tensões, entre autonomia individual e fusão conjugal e familiar estruturam várias dimensões do seu discurso, mostrando, mais do que noutros casos de "homens associativos" (que descreveremos seguidamente), a interpenetração entre as duas lógicas de construção do casal, da família e de si próprio.

> *... eu sempre pensei ser pai (...) acho que fazia parte da ordem natural. (...) no meu caso, como sou um meio artista, não tava muito pra ser, ter esse compromisso, não é, porque gosto da minha liberdade do ponto de vista criativo, e, ahm, isso limita bastante (...) o que me limita é muito menos do que aquilo que ganho e que aprendo...*

> *... a pessoa pode ter os seus projectos e até acho mais interessante a pessoa tar noutros projectos, mais... menos, se calhar... monótono (...) porque eu... gosto de fazer as minhas coisas, ahm... separadas.*

Uma das tensões entre autonomia/individualidade e fusão/integração familiar é, desde logo, percebida ao nível da "dimensão projecto". Francisco apresenta-se como um homem dividido entre as compensações do projecto de família e de paternidade e a sensação de perda de liberdade individual. Embora pinte um cenário em que os ganhos da paternidade são a cor dominante, não deixa de aludir à questão da liberdade individual, justificando-se pelo facto de ser *meio artista*. Por outro lado, valoriza os projectos individuais no seio da conjugalidade: para Francisco existe obviamente o projecto do casal e dos filhos, mas este não pode "apagar" o projecto autónomo. Constatamos, portanto, a cumplicidade que Francisco estabelece entre o "eu" e o "nós". Mais ainda, se a autonomia é tão importante como a dinâmica de casal e de família nuclear, a inserção na família alargada constitui para ele, adicionalmente, uma referência importantíssima: os filhos asseguram a continuidade familiar, os tempos de lazer e o fim-de-semana são dedicados ao encontro do parentesco. Como Francisco refere *fim-de-semana é família*. A vida de casal faz parte desse todo: *eu ponho a vida de casal porque tem essas componentes todas, lá metidas dentro*. E acrescenta:

> *Eu acho que famílias normalmente têm filhos, é por isso que nós temos pais, não é, porque uma família sem filhos acabou naquela geração, portanto... mas entendo... que um casal possa viver a vida toda... e queira viver dessa maneira. Pessoalmente acho que a dimensão dos filhos faz crescer as pessoas, faz crescer as pessoas, faz descentrar as pessoas, mas não sou dogmático até porque há pessoas excelentes que não têm filhos.*

Outro ponto relevador desta sobreposição entre autonomia e fusão descobre-se na maneira como Francisco retrata a sua vida conjugal. A construção do casal associativo não é de forma alguma correlativa de menores investimentos na dinâmica da relação a dois. A gratificação afectiva com a vida de casal constitui um elemento importante na arquitectura das prioridades das mulheres e dos homens "associativos". Está longe de indiciar afastamento ou "fissão", como por vezes é sugerido (Chaumier 1999; Aboim, 2009), o que ressalta é, sobretudo, um desejo e um esforço de combinar várias instâncias de realização. Como ele também refere, é preciso fazer um esforço para manter a relação conjugal:

> *Às vezes é importante ter um gesto desses, quanto mais não seja para a pessoa sentir que a outra está, portanto, está presente, que gosta dela, etc., e às vezes também faço isso, com... com esse cuidado.*

Francisco é elucidativo tanto quando fala do seu esforço de investimento na relação conjugal como ao frisar a necessidade de resguardar alguma privacidade na lógica comunicacional do casal. Nem sempre é necessário contar tudo ao outro, até *para não criar confusões*, como ele próprio justifica. De uma forma bastante evidente, o caso de Francisco, exemplifica um estilo de casal e de família (e também uma masculinidade) em que dinâmicas fusionais (o casal, a paternidade, a continuação da família, o parentesco) se articulam com um projecto individual que não dispensa formas explícitas de autonomia (na carreira profissional, nomeadamente), que vão "competindo", ao longo da trajectória familiar, com o tempo dedicado à família, com a inclusão masculina no seio doméstico e familiar. Apesar de reduzida, essa inclusão é também feita de forma menos dependente da mulher. Ao contrário de homens como Sérgio ou Miguel, Francisco enfatiza a sua capacidade para a iniciativa própria na vida doméstica.

No entanto, os ideais de paridade, bem como o elogio da independência pessoal da mulher, não anulam as desigualdades de género no quotidiano. O projecto de realização de Francisco acaba por ser dominante no cenário da vida privada. A mulher, mesmo que ajudada pela rede de apoio familiar, serve de suporte à estratégia pessoal de Francisco. Como em outros casos, o "cônjuge suporte" envolve-se mais na vida familiar, apoiando tanto quanto possível o "sucesso" do outro na vida pública. Justificações diferenciadas podem enquadrar este estilo de casal, é certo, mas mantendo, de uma ou de outra forma, coordenadas de desigualdade estruturantes. Não se trata de uma desigualdade institucionalista, fundada sob a égide da dominação masculina, mas de formas de diferenciação conjugal mais subtis, relativamente despegadas da dicotomia entre "homem público" e "mulher privada", mas nem por isso menos desiguais.

Liderança e apropriação: Poderes reinventados na vida privada

Existem, porém, formas mais complexas de desigualdade na construção do casal associativo. Seguidamente descrevemos duas histórias conjugais e familiares que ilustram na perfeição essas desigualdades menos habituais, engendradas ao abrigo de valores orientados para uma família modernista, relacional e autónoma. Na vida privada, e na reconstrução das suas identidades, estes homens acabam, como veremos, por subverter as bases tradicionais da diferenciação de género, embora o façam de formas muito diferentes. Em ambos os casos, contudo, assiste-se a uma reinvenção dos poderes tradicionais associados ao masculino e ao feminino conducente a uma "reinvenção" da própria masculinidade. Como tem sido frequentemente argumentado, muitas das mudanças operadas nas masculinidades estabelecem estreita conexão com o esbater das fronteiras entre os traços estereotípicos do masculino e do feminino (Segal 2007) ou mesmo com um crescente elogio da feminilidade (Hanke, 1992) e das emoções (Lupton 1998; Giddens 1996). No entanto, este movimento de "feminização" da masculinidade, embora transformativo, não conduz necessariamente à igualdade no equilíbrio de poderes conjugais.

No primeiro caso, o de Pedro, é ele o "indivíduo autónomo" do casal. Orientado por valores modernistas, encontra mais-valias identitárias tanto na vida pública (a realização profissional) como no exercício de competências tradicionalmente femininas (a gestão da casa, os cuidados aos filhos. De certa forma, Pedro apropria-se de caracteres estereotípicos da feminilidade para reconstruir o seu espaço e a sua identidade na família, sem, contudo, perder a ascendência. No caso de Filipe, ao contrário, é a mulher a figura-chave do casal; é ela quem procura realizar uma carreira de sucesso e ele quem assume o papel de "pai doméstico", estratégia justificada por razões de rentabilidade económica. Estes dois casos, diferentes entre si, são ambos ilustrativos de determinado estilo de conjugalidade associativa, marcado por desigualdades que fogem à codificação mais institucionalista das relações sociais de género, convidando a discutir mais profundamente quer a relação entre autonomia e (des)igualdade, quer a articulação entre masculinidade e relações sociais de género.

Comecemos por contar um pouco da história de Pedro, homem de 38 anos, casado pelo civil com uma mulher da mesma idade, depois de várias experiências de coabitação conjugal. Juntos tiveram uma filha, actualmente com 6 anos. Ele é doutorado, físico com uma carreira académica em franco desenvolvimento; ela completou o 11.º ano e é chefe de vendas numa empresa

privada. Casaram há 7 anos, depois de viverem juntos um ano e meio. Ele, apesar de se declarar veementemente contra o casamento, acabou por ceder à vontade da mulher e realizaram então um casamento civil. No entanto, apesar desta cedência inicial, Pedro acabou por se tornar dominante (pelo menos é esse o seu discurso) no cenário doméstico. À semelhança de Francisco, é ele quem investe na carreira e quem ganha a maior parte do dinheiro. Mas, ao contrário daquele, é ele quem "impõe" grande parte das regras na organização do quotidiano, na educação da filha, na gestão da casa.

Pedro teve uma trajectória de vida que lhe permitiu desenvolver a capacidade para o exercício da autonomia individual: começou cedo a tomar conta de si próprio e teve inúmeras experiências conjugais. Ele próprio nasceu numa família recomposta, sendo o único filho da coabitação do pai e da mãe, apesar de tanto um como o outro terem tido filhos de casamentos anteriores. Na infância e adolescência vivia com os pais e os meios-irmãos, desfrutando de uma posição privilegiada no quadro das interacções familiares. Apesar de habitualmente ausente das lides da casa, o pai era, na visão que Pedro guarda do passado, a principal figura de autoridade, exercendo o controle de marido e de pai, segundo regras de género. Os rapazes tinham mais liberdade do que as raparigas. A adesão a valores de igualdade e de negociação democrática na vida familiar, frisados pelo entrevistado, fez-se, na verdade, por recusa do modelo de autoritarismo paterno. Afinal Pedro insiste várias vezes neste ponto, referindo: *... eu não apoio totalmente, a..., qualquer tipo de relacionamento autoritário na família e, particularmente, com as crianças.*

No entanto, este estilo de vida não durou muito na sua história, pois, ficou órfão de pai no início da adolescência. A partir dos 14 anos foi ficando entregue a si próprio, pois a mãe, por razões profissionais, só vinha a casa ao fim-de-semana. Pedro saiu de casa com 17 anos. A partir daí teve várias profissões, emigrou, voltou para Portugal e mudou várias vezes de ramo de actividade. Só mais tarde fez uma licenciatura e optou pela carreira académica, projecto que actualmente estrutura o seu horizonte de realizações. Na vida privada nunca fez projectos. Nem sequer o de constituir família: se hoje está casado e com uma filha foi porque aconteceu, não porque o tenha ambicionado antecipadamente. Pedro teve a sua primeira experiência conjugal entre os 17 e os 18 anos. A esta experiência inicial seguiram-se várias outras. Uma delas, a anterior ao casamento, durou cerca de sete anos, não obstante cada um ter a sua casa. Mas, depois de várias paixões e rupturas, Pedro acabou por começar a viver com a actual mulher quase por acaso, como ele próprio diz. Simplesmente aconteceu, não porque

um ou outro tivessem projectos muito definidos, mas porque começaram progressivamente a adaptar-se um ao outro. Como ele refere:

> *... eu relativamente aos filhos não..., não era um projecto, não era uma preocupação... Portanto, não era, não era uma necessidade que eu sentisse ter filhos, mas também não é uma coisa que eu descartasse. Relativamente a..., quer dizer, viver com alguém nunca foi propriamente um projecto foi praticamente uma sucessão de situações que surgem quase com naturalidade. Uma relação que tive e que durou vários anos e que eu contabilizo entre as tais, também me satisfazia plenamente e nós não vivíamos juntos. Estávamos cada um..., cada um tinha a sua casa...*
>
> *creio que inicialmente a questão, se calhar de parte a parte, era sentirmo-nos bem juntos. E acho que basicamente é isso, foi isso que nos uniu e a base é..., sentirmos que..., sentirmos que nos sentíamos bem e confortáveis juntos e que...*

Pedro conheceu a actual mulher numa fase em que ambos estavam sozinhos e passaram, sem dar por isso, quase imediatamente para uma relação de coabitação. Ela mudou-se para casa dele e assim se foi progressivamente construindo a relação, primeiro de maneira mais experimentalista, depois num estilo mais definido com a decisão de casar e de ter um filho. Tal como na decisão de casar pelo civil, mais uma vez, Pedro acaba por descrever o nascimento da filha como uma concessão sua (pelo menos relativamente) aos desejos da mulher: era ela quem, mais do que ele, queria ter filhos. Este tom de cedência marca, até certo ponto, o discurso de Pedro sobre a entrada na conjugalidade e na parentalidade, sugerindo o contrabalanço da sua própria forma de estar na vida, entre uma realização pessoal muito almejada e a inclusão numa dinâmica de família. A propósito do impacto no nascimento da filha, Pedro enuncia claramente o efeito consolidante da criança sobre a própria relação conjugal. Contam-se perdas e ganhos, mas sedimenta-se a família:

> *... com os filhos uma pessoa ganha uma..., há coisas que... digamos que abdicamos que já aconteceram, já aconteceram coisas, já ouvi coisas ou já houve atitudes que eu se calhar noutra..., sem a minha filha a minha reacção seria ir porta fora e:" – Isto acaba por aqui isto está a cheirar mal.*

Porém, ao reportar-se à vida em casal denota os cuidados a que se dedica para não sobrecarregar a mulher, sublinhando o valor do conforto recíproco. É, sem dúvida, uma visão da relação como construção, mas é também, em certa medida, uma declaração de troca limitada entre os cônjuges: mais do que partilhar tudo, importa evitar conflitos desnecessários, sobrecargas emocionais, verbalizações impensadas, em prol da protecção do bem-estar recíproco. Essa "boa relação" implica um controle de si, de parte a parte.

Estou disponível, faço o máximo possível para que a outra pessoa se sinta confortável. Tento não a sobrecarregar com fardos meus, mas mantê-la a par de problemas que tenho, desconfortos que tenho, evito ser..., evito ser mal-educado quando alguma coisa..., e bruto quando alguma coisa me desagrada, mas tento com cuidado e nas alturas que forem mais adequadas colocar as coisas. Às vezes não consigo.

Mas, a família, embora descrita por oposição ao regime autoritário da infância, acaba por ser, até certo ponto, construída e gerida à imagem de Pedro, que facilmente admite ter sido ele quem mais impôs maneiras de ser e de estar, desde a decoração da casa, à organização doméstica, à educação da filha. Como ele próprio nos diz:

Impus mais. Impus mais por um lado em termos de decoração, etc., aliás porque fomos para a minha casa, que já era minha casa, a..., e porque há coisas que realmente me fazem muita impressão em termos estéticos e tenho uma... (...) De gostos de decoração etc. Mas como ela..., como ela.., como lhe agrada a forma como eu decoro as coisas e...(...) depois em termos de formas de fazer, etc., creio que há uma adaptação mútua também se calhar uma maior..., com um maior ascendente da minha parte, mas também porque sou eu que faço mais coisas em casa. Sou eu que faço mais tarefas em casa.

Justifica facilmente o seu domínio relativo, porque é ele quem mais faz tarefas em casa, quem mais cuida da filha. É este pelo menos o retrato que de si transmite. Embora admita a participação da mulher nas lides domésticas (até porque Pedro passa vários meses por ano no estrangeiro, devido a motivos profissionais), a sua preponderância e indispensabilidade doméstica, bem como as suas capacidades emocionais e educativas são ressaltadas, acabando, na verdade, por diminuir as competências tradicionalmente associadas ao feminino. Veja-se a forma como descreve o seu quotidiano doméstico:

(Loiça) *A..., da loiça costumo ser eu, embora deteste mas a... Inicialmente era ela.(...) quer dizer, por exemplo a loiça não costumava ser eu a lavar. Mas como andamos francamente cansados os dois, geralmente a loiça fica de uma refeição para outra. Portanto, eu lavo antes de fazer a..., lavo antes de começar a fazer a comida.*

(Cozinhar) *Não, sou só eu que cozinho. De vez em quando cozinha ela, mas a... Então, apesar de todas estas coisas vivi várias vezes e durante bastante tempo sozinho. Sinceramente não gosto muito dos cozinhados da Manuela* (risos).

(Cuidar da filha) *Dar banho à miúda, deitá-la. Embora as coisas não sejam necessariamente..., de vez em quando ela cozinha, muito raramente, com mais frequência deita a miúda ou dá-lhe banho. Ela está geralmente mais cansada, aliás porque tem menos paciência do que eu. As crianças pequenas exigem um grau de paciência, de compreensão e de atenção que, às vezes, não é compatível com deslocações e..., com deslocações longas em autocarros malcheirosos e com chatices em empregos e não sei o quê. Digamos que eu tenho bastante mais...*

(Sentimento de justiça) *Deve ser porque nós os dois achamos que trabalhamos demais. Deve ser justa. Como temos os dois essa sensação: ela acha que ...coiso..., que as coisas que faz é uma trabalheira desgraçada, a..., eu também, eu também, por vezes, quando estou mais cansado acho que também faço coisas de mais, portanto depreendo que ... Ou se calhar achamos os dois um bocadinho isso quando estamos mais cansados o que sempre interpretei como sinal de que a divisão está bem feita.*

A construção de uma identidade positiva na família passa também pela incorporação dessas competências, anexando vários poderes e vários papéis: uns estereotipicamente masculinos (a responsabilidade de sustentar a família e de orientar a filha e a própria mulher), outros femininos (o cuidar da casa e da criança). São, no entanto, os valores modernistas que o orientam as coordenadas utilizadas para justificar, ao contrário do habitual, a desigualdade de poderes entre ele e a mulher. Ao participar activamente na vida doméstica e familiar, Pedro acaba por se sobrepor à mulher em várias áreas. Como ele próprio refere: *num casal que divide as tarefas, eu sou a mulher, não sou o homem*. Mas, Pedro acumula papéis, pois coloca-se também no que tradicionalmente se entenderia como o "homem da casa": além das funções gerais de orientador, ele é o principal ganha-pão da família, responsabilidade que retrata como pesada e incómoda, mas que é, apesar de tudo, sua. A mulher, portadora de menores capitais escolares e sócio-profissionais, trabalha a tempo inteiro, mas ganha pouco, comparativamente.

A questão da conciliação família-trabalho é, aliás, extremamente importante no discurso de Pedro, que revela sentir o peso da interferência da vida familiar na sua vida profissional, insistindo que o trabalho tem ficado prejudicado em função do seu envolvimento na vida doméstica e nos cuidados à criança. O discurso de Pedro é quase estereotipadamente feminino, reafirmando a semelhança com verbalizações frequentemente ouvidas às mulheres. Muito embora Pedro partilhe, apesar das suas posições modernistas, a crença profunda na relação umbilical entre mãe e filho, apelando a justificações biológicas para explicar o este laço primordial nos primeiros tempos de vida do bebé, a sua progressiva inclusão na família e numa paternidade activa à medida do crescimento da filha levam-no a enunciar a relação tensa entre a profissão e as responsabilidades familiares,

que sente como seu dever cumprir, estando disponível para cuidar da criança. É certo que as suas concessões em tempo para a família têm alguns limites: apesar do seu discurso empenhado, Pedro continua a deslocar-se ao estrangeiro várias vezes por ano, por exigências de sucesso na profissão. Mas, a benefício da vida familiar, procura nunca estar fora mais do que um mês, é o que refere. Nesse tempo, a mulher e a filha têm de sobreviver sem ele, facto que parece constituir para Pedro uma preocupação acrescida, pois sente a sua presença como imprescindível.

> *Sim, mesmo dentro do país. (...) não posso pegar em mim e ir para lá o tempo que for necessário, não é, tenho que gerir as coisas quer de acordo com o meu papel em casa quer com aquilo que acho que é necessário de ter para a família.*

> *[qual fica mais prejudicado?] Até gora tem sido o trabalho.(...) Sim, porque acho que é uma..., porque acho que é uma altura muito sensível... na vida da minha filha. (....) também não quero..., não quero que..., não quero que a minha filha esteja aí, a..., esteja aí sozinha a..., sem eu estar presente por grandes temporadas.*

> *A vítima é a minha actividade profissional, em grande parte.*

Para além de factores objectivos, tais como a ausência de uma rede de familiares ou amigos próximos que possam prestar apoio quotidiano, a difícil gestão que retrata é consequente com a ênfase que o entrevistado coloca na sua individualidade. Apesar da sua lógica de inclusão forte na família, a protecção da autonomia é extremamente valorizada, quer na relação conjugal, quer na relação parental. A protecção da individualidade faz, afinal, parte da dinâmica do casal associativo. Pedro, o elemento dominante (e mais autónomo) de um casal associativo desigual, não é excepção.

Por um lado, Pedro frisa a necessidade de guardar tempo para si próprio, demarcando-se de uma visão tipicamente fusional do casal. Como ele próprio refere, a propósito da transparência comunicacional entre cônjuges, não é preciso contar tudo, apenas que o outro esteja convencido disso: no caso de uma infidelidade, exemplo que utiliza, é importante que exista entre ambos a convicção de que se saberia sempre de tudo, mesmo que isso não seja verdade. Sobressai, mais uma vez, a sua visão da relação como espaço de conforto, que deve ser protegido até do impacto negativo dos problemas individuais (o outro não é obrigado a *levar com queixinhas*, pois *é desagradável estar a ouvir*).

Por outro lado, embora a relação parental constitua um elemento central para Pedro, a sua lista de investimentos e cedências não comporta, para além de

certo limite, um excessivo centramento nas necessidades da filha, que se traduzisse, por exemplo, na organização de actividades lúdicas e sociabilidades em função da criança. Para Pedro, o casal e o indivíduo não devem subordinar os seus espaços e actividades exclusivamente ao bem-estar infantil. Em suma, o caso de Pedro ilustra algumas das ambiguidades existentes na construção de um casal associativo: aquelas que advêm da complexa gestão do "eu" e do "nós" na vida quotidiana, traduzíveis na multiplicidade de investimentos e gratificações que se deseja obter; as que se encontram na complexa articulação entre autonomia modernista, negocial, relacionalista e as desigualdades conjugais produzidas pela dominação de um mais do que de outro; e também as abrigadas na própria produção de uma identidade plural, resultante da combinatória entre várias referências de género. Aliam-se traços típicos da masculinidade – sustentar, proteger e orientar a família (*o providenciador*) – a um projecto de uma carreira de sucesso (*o indivíduo público*) e ao empenhamento na partilha doméstica e na paternidade activa (*o companheiro, o cuidador*). Incorporam-se, ou apropriam-se, traços da feminilidade – gerir a casa, fazer as tarefas, ser o principal cuidador da criança –, de modo a reinventar um novo lugar no seio privado, um lugar também autónomo e capaz de exercer liderança.

Uma masculinidade femininizada?

O segundo caso que escolhemos para ilustrar estas dinâmicas de reinvenção do masculino na vida privada mostra uma relação de desigualdade menos habitual, em que é o homem o cônjuge suporte da autonomia e da carreira feminina. Filipe é, por conseguinte, um pai doméstico casado com uma mulher de carreira, enfrentando na actualidade o desafio de reconstruir uma identidade masculina a partir de referenciais simbólicos tradicionalmente femininos.

Filipe, 47 anos, é um espanhol a viver em Lisboa há mais de 20 anos, tem uma licenciatura incompleta em Belas Artes, vive conjugalmente com a mesma mulher há 25 anos (22 anos de coabitação + 3 anos de casamento civil) e tem uma filha de 3 anos. Filipe é artista plástico e teve uma trajectória profissional bastante intermitente, no trabalho que desenvolvia por conta própria. Desde o nascimento da filha deixou de lado as actividades profissionais, enquanto a mulher, professora universitária, voltava a um quotidiano profissional exigente. A opção de ser ele a ficar em casa com a filha ficou a dever-se, como justifica, a questões de rentabilidade económica para a família: ficava em casa quem ganhasse menos e, no caso, era ele. Filipe vive, portanto, numa situação de relativa inversão dos papéis de género mais tradicionais, assumindo

significativa parte das competências domésticas, parentais, e vivendo na dependência financeira da mulher.

Para Filipe ficar em casa com a filha foi uma opção que retrata como natural. Face às necessidades profissionais da mulher era perfeitamente justificável ser ele a interromper uma actividade que já não era particularmente lucrativa (algures na entrevista diz só ter vendido um quadro desde que vive em Lisboa). Como o próprio Filipe diz, a mulher tem uma carreira, a dele pode parar, pode esperar enquanto for necessário. Na verdade, desde que a filha nasceu, Filipe sentiu que a sua presença era muito necessária não só para a bebé, mas também, e fundamentalmente, para dar apoio à mãe da criança. Apesar de tentarem dividir os cuidados com a recém-nascida, logo que esta nasceu, a mulher de Filipe precisou rapidamente de voltar a assumir alguns compromissos profissionais, o que fez passados pouco mais de três meses. Por isso era preciso que ele estivesse disponível. Apesar de na altura terem uma empregada para ajudar duas ou três vezes por semana das lides domésticas, era preciso que Filipe fosse pai a tempo inteiro. A opção de colocar a criança numa creche, ainda sugerida por Filipe, foi logo posta de lado pela sua mulher, que achava muito importante que a criança permanecesse em casa até pelo menos aos dois anos. Os conselhos de uma pediatra corroboraram esta opção e Filipe conformou-se, ficando ele com grande parte dos cuidados parentais a cargo. Certamente, a mulher de Filipe partilhava esses cuidados, de manhã e à noite, amamentando primeiro, dando de comer à criança depois, mas era e é ele que fica em casa durante o dia.

Uma trajectória profissional intermitente com pouco sucesso artístico e, finalmente, a situação de domesticidade pós-nascimento da filha, colocaram Filipe face a dilemas tão importantes como os da própria reconfiguração da sua identidade enquanto homem. Como ele próprio diz *inventei-me um novo... um novo eu*, muito diferente daquele para o qual foi educado. Continua:

> *Quer dizer, inventei-me... dadas as circunstâncias, uma pessoa confronta-se consigo mesmo e vê que, efectivamente, até sabe bem aprender a cuidar de si, de nós próprios, no fundo. Aprende-se coisas novas. Pelo menos eu encaro isso assim. É uma chatice, porque eu, engomar, não gosto* [risos]. *Mas, mas, por outro lado, quando visto a camisa que engomei eu, até dá uma certa satisfação. Pronto, é isso. Acho que vale a pena um esforço, pronto. Arrastar velhos modelos de família, acho que não vale a pena e também não é, não... não é por aí. Temos que nos inventar, um novo macho, um novo homem. Mas eu acho que sim, acho que... porquanto vá contra coisas que não sabia de ter. (...)No entanto, eu tinha que fazer um esforço... para me explicar, para entrar no universo da criança tenho que fazer... um esforço sobresselente. No entanto, ela tem um à vontade, uma naturalidade... parecem uma coisa só, pronto.*

Na realidade, Filipe nasceu e cresceu numa família tradicional: o pai era o chefe de família, ainda que não fosse particularmente autoritário, enquanto a mãe ficava em casa a cuidar da família. Foi por isso educado num ambiente em que os papéis de género estavam bem demarcados. A sua posição de hoje como "pai doméstico" significa portanto, em grande medida, uma ruptura com o passado, que ele próprio expressa com vigor falando da reinvenção de si enquanto homem, tarefa que lhe custou enorme esforço de aprendizagem ao tentar transformar as maneiras de ser tão tenramente incorporadas. Esse desafio de auto-recriação surge com evidência nas opiniões de Filipe sobre as diferenças entre homens e mulheres, demonstrando a complexidade de uma identidade de género multi-referenciada. Para ele, é necessário que os homens mudem, tomando consciência da real força das mulheres e, assim, desafiando os cânones da masculinidade dominante. Para Filipe, as mulheres encerram dois traços fundamentais, tantas vezes polarizados no binómio "mulher natureza" (a mãe) versus "mulher indivíduo" (a pessoa autónoma).

Por um lado, expressa a sua crença no "poder tradicional das mulheres". Para ele, o homem podia ser o ganha-pão e encarnar a figura de autoridade, mas esse era mais um poder superficial do que verdadeiro. O poder real, o verdadeiro controlo era exercido pelas mulheres, ainda que sub-repticiamente. Ao assumir estas posições, Filipe defende uma concepção mais activa da feminilidade tradicional, ao mesmo tempo que defende a sua situação actual de dependência, concedendo a si próprio alguns dos poderes ocultos atribuídos ao feminino. O processo de feminização de si, decorrente do seu quotidiano presente, impõe uma valorização das competências tradicionais das mulheres, como se pode inferir:

> *Quer dizer, a figura do pai podia ser aquela que, aparentemente, era o pivot, era o centro da, da família. Mas percebi que não era o pai, era a mãe. Mesmo antigamente era a figura da mulher, da mãe, que era indirectamente – ou também directamente – era o centro da... era aquela que controlava tudo, conseguia controlar tudo, talvez não se inseria na família duma maneira autoritária, por medo, porque antigamente tinham outros meios de persuasão, eu acho. Mas o que eu aprendi com a minha mãe é mesmo isso. E com as várias namoradas que eu tinha... antes, ou com as amigas... sempre captei o lado muito prático, muito eficiente das mulheres. E um homem, sempre vi o homem como uma espécie de dependente, enfim, seja afectivamente... como... decisão, poder de decisão. Quer dizer, notei muito menos dúvidas nas mulheres do que nos homens. É isso, pronto.*

Mas esta estratégia não é linear no discurso de Filipe, que vai oscilando entre associações de género diversas, revelando uma masculinidade difusa e em mudança face às categorias sociais dominantes. Assim, por outro lado, Filipe acaba por diminuir os traços da masculinidade, ao elogiar a autonomia, tradicionalmente associada aos homens, como qualidade das mulheres, louvando quem se basta a si próprio e tem força suficiente para se impor e conquistar um lugar no mundo. Critica a dependência, a fraqueza. Num certo sentido critica-se a si próprio, transpondo mais uma vez a discussão das suas opções de vida para um âmbito mais geral de debate. Filipe reverte a oposição entre independência masculina e dependência feminina: descobre o poder oculto nessa dependência, de certo modo masculinizando um traço estereotípico do feminino, ao mesmo tempo que feminiza a autonomia, idealmente associada à masculinidade. Do ponto de vista da sua identidade enquanto homem a experiência parental de cuidar a tempo inteiro também representou uma mudança, uma (re)descoberta.

No entanto, apesar desta luta com as categorias de género dominantes, Filipe acaba, tal como acontecia com Pedro, por ceder perante a força do ideário maternal. A relação umbilical entre mãe e filho é concebida de forma tão forte que acaba por impor barreiras aos homens, na sua tentativa de entrar no mundo da criança. Filipe, mesmo sendo um "pai doméstico" sente essas dificuldades, diminuindo a sua capacidade para lidar com certas situações. Considera, por exemplo, que quando a criança está doente a mãe tem um papel especial, suplantando o pai. Pensa que a comunicação entre mãe e filho é imediata, enquanto o pai tem de a construir dia-a-dia. Em caso de divórcio, Filipe acha também que a criança deve ficar preferencialmente com a mãe, pois a figura do pai é mais dispensável para o equilíbrio da criança. De certa forma, Filipe, aqui muito ao contrário de Pedro, acaba por se enredar na teia da sua própria desigualdade face à mulher, transformando-a numa diferenciação mais generalista entre masculino e feminino. Diz ele:

> *Há uma relação entre mãe e filha ou filho... até uma certa idade, eu acho que são dependentes, tanto a filha quanto o filho, quer dizer... E o pai é um bocadinho uma figura... como é que hei-de dizer?, exterior. Porque a verdadeira relação – mas não é, isto não é um problema educacional, acho que é um problema, uma coisa natural – há uma empatia, há um fio condutor que liga a mãe (...). Eu acho que quer seja a criança quer a mãe... precisam uma da outra de uma maneira especial, de uma maneira que eu não consigo atingir, não consigo... perceber, se calhar porque pertenço ao outro sexo.*

No entanto, o nascimento do bebé revolucionou a vida do casal, e sobretudo a vida de Filipe, obrigando-o a abdicar da sua autonomia. A integração

conjugal e familiar decorrente do nascimento da filha foi, para ele, um processo de cedência da sua individualidade, ainda que gratificante. Passou a estar muito mais tempo em casa, deixou de ter proventos próprios (a mulher gere todo o dinheiro, apesar de ele ter uma conta pessoal), a rede de convívios ficou mais restrita à família da sua mulher, inserindo-o também num universo mais familialista. São, afinal, os tios dela que tomam conta da filha quando o casal sai a sós de vez em quando, pois normalmente saem todos juntos ao fim-de-semana, quando ela tem mais tempo livre para a família.

> *Mas isto tens que, tens que renunciar a qualquer coisa, não é? Também não, chegado aos 40 e tal, ir aos bares ou assim, já não interessa muito. (...) Depois mudas a vida também nesse sentido, quer dizer, desprendes um bocadinho do mundo... dos gozos, dos divertimentos, e dedicas-te à vida de casa. Que depois, ficando em casa, descobres muitas outras coisas para fazer, não é? Depende da disposição que tem uma pessoa. Se começamos a pensar só... se começo a pensar no meu divertimento, no meu gozo, na minha carreira... se só concentramos no nosso ser, no ego, então entra-se em situações desagradáveis mesmo. Tens que fazer uma, uma, uma cedência. Tens que ceder qualquer coisa. Nesse caso, bastante.*

Filipe fala pouco da sua autonomia, acabando por se reportar mais à mulher, aos seus projectos, ritmos quotidianos e necessidades do que a ele próprio, hoje mais descapitalizado no exercício da independência pessoal. No entanto, apesar de ter uma visão romântica, mas também dinâmica, da relação a dois, revelando a centralidade do casal enquanto lugar de gratificação emocional, insiste em resguardar uma autonomia, hoje comprometida com a dependência da mulher. A situação de desigualdade em que se encontra combinam-se com uma matriz associativa das relações entre indivíduo, casal e família, bem visível no elogio rasgado que dirige à qualidade de ser autónomo, característica que, tal como acontecia com Pedro, é para Filipe uma das mais importantes a transmitir à filha de três anos. A proximidade conjugal não deve ameaçar a preservação *de uma ilha... de teu, de coisas tuas*, como ele diz. Filipe tem uma visão do casal baseada na intimidade e na troca, mas implicando também preservação da intimidade e mesmo de segredos. Esta é uma forma de preservar autonomia pessoal, manter um mundo só seu, numa conjugalidade associativa em que ele é o "cônjuge suporte".

Igualdade e individualização: Um casal associativo forte

O último estilo casal associativo é indicativo de formas de autonomia conjugal mais vincadas e também mais igualitárias, não obstante o facto de se colocarem, novamente de maneira pouco linear como veremos, questões sobre a relação

entre autonomia, igualdade conjugal e construção da identidade masculina. No entanto, a especificidade das conjugalidades que classificámos como fortemente associativas distinguem-se pela concomitância de autonomias no casal, ambos claramente orientados para um vincado investimento na realização pessoal através da inserção na vida pública (uma carreira de sucesso) como da negociação na vida privada: aqui os membros do casal, mais do que valorizar o consenso, acentuam as maneiras de fazer individuais. Na relação a dois, na relação com os filhos, valoriza-se a especificidade de cada um e procura-se organizar o quotidiano sem que excessivas concessões pessoais ameacem a afirmação da individualidade. A dinâmica relacional, obviamente valorizada, deve coexistir com os projectos, os ritmos e os espaços do indivíduo. Em suma, são estas as conjugalidades mais próximas de um ideal de família de dupla carreira, orientada para valores de autonomia que desafiam o homem a encontrar, na família, um lugar igualitário, mas independente da mulher.

Na história de Patrício encontramos um exemplo deste estilo de conjugalidade. Homem de 44 anos, académica e sócio-profissionalmente qualificado, é casado há 17 anos, pela primeira e única vez, com Júlia, da mesma idade e igualmente muito qualificada. Bem instalados economicamente, o casal tem uma filha única, actualmente com 15 anos.

Reproduzindo na sua família actual algumas coordenadas da família de origem, Patrício é também o único filho de um casal de dupla carreira, com elevados capitais académicos. Tanto o seu pai como a sua mãe, hoje reformados, tinham carreiras profissionais exigentes: o pai, licenciado em economia, era, na altura da reforma, director de serviços num organismo público. A mãe, também licenciada em economia, era técnica superior da função pública, tendo ao longo do seu percurso profissional, tido vários trabalhos importantes. Fez inclusivamente parte da comissão que negociou a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia e do grupo de trabalho que iniciou a informatização da Contabilidade Pública. Recordando a sua infância e adolescência, retrata um quotidiano relativamente igualitário na sua família de origem. Tal como acontece hoje na casa de Patrício, os seus pais sempre tiveram empregadas (às vezes internas, noutros períodos externas) que faziam a maior parte das tarefas domésticas. Quando a empregada não estava presente (por exemplo, aos fins de semana), as tarefas *eram mais ou menos divididas* entre o seu pai e a sua mãe, sendo o pai responsável principalmente pelas tarefas de *bricolage*, jardim, etc, e a mãe pela limpeza da casa. Ora, é também assim que Patrício e a mulher organizam o trabalho da casa nos dias de folga da empregada, mais uma vez sublinhando a proximidade com as origens. Do ponto de vista relacional, Patrício sublinha que a interacção entre

ele e os seus pais sempre foi muito afectiva, aberta e democrática, longe da autoridade, das divisões de género e da institucionalidade da família tradicional. Patrício refere, aliás, uma forte identificação com a mãe, que lhe constitui, ainda hoje, o modelo de referência quer na gestão da vida profissional, quer em termos educativos e de lidar com os filhos. Admira a sua capacidade de iniciativa e independência pessoal, que tenta transpor para a sua própria vida a para a família que construiu.

Novamente seguindo o exemplo de ambos os pais, casal homogâmico em termos de formação profissional, Patrício licenciou-se em economia (e casou, ele próprio, com uma economista, colega da faculdade), e fez depois um mestrado em economia europeia, outra das áreas de interesse e trabalho da sua mãe. O percurso académico levou-o, aos 24 anos, até Bruxelas onde viveu sozinho durante algum tempo, período que lhe facultou uma experiência importante tanto a nível pessoal como profissional. Patrício entrou, a partir daí, numa carreira dinâmica e exigente. Durante os últimos 20 anos teve vários cargos directivos e trabalhou em várias empresas. Foi quadro superior (Director de Exploração, Director Comercial, Director de Recursos Humanos, Director de *Marketing* e Exportação,...) de várias empresas. Recentemente, devido a reestruturações na orgânica da empresa em que trabalhava, o seu cargo como Director de Assuntos Externos e Imagem Corporativa foi extinto e ficou sem emprego. Decidiu que gostaria de começar a trabalhar por conta própria e está neste momento a criar uma empresa (um *franchise*) na área dos recursos humanos, recrutamento, organização de acções de formação profissional, consultadoria, etc. Sente que é um ponto de viragem no seu extenso percurso profissional e ainda não sabe se foi uma decisão acertada em termos de rentabilidade financeira. Por isso mesmo, explica, nesta fase é a sua mulher, actualmente directora geral de uma grande empresa, quem mais ganha no casal. Pelo menos até a recém-criada empresa de Patrício começar a dar lucro.

No entanto, apesar de ser claramente um homem de carreira, habituado a dirigir, a longos horários de trabalho e a elevadas remunerações financeiras, a sua actividade profissional não é, actualmente, um dos aspectos mais importantes da sua vida ou sequer um dos que lhe dá mais prazer. O seu sonho, se pudesse, seria dedicar-se àquilo que é a grande paixão dos tempos de lazer: a caça e a criação de cães. Comparando-se com a mulher, não hesita em afirmar que a carreira profissional é muito mais importante para a mulher do que para ele:

> *A Júlia, se ganhasse o Totoloto, muito provavelmente o que ela faria era comprar a empresa dela. Eu, se ganhasse o Totoloto, nunca mais trabalhava na vida e ia criar cães, ia à caça e nunca mais trabalhava*

na vida. A Júlia não, a Júlia se de repente recebesse vinte milhões de euros, provavelmente compraria a sua própria empresa. Para a Júlia é mais importante a carreira do que para mim.

Brincando, refere que se ganhassem o totoloto, provavelmente a mulher compraria a sua própria empresa, enquanto ele abandonaria a actividade como economista para se dedicar à caça e à criação de cães, o seu lazer preferido. Pelo contrário, retrata a mulher como estando fortemente ligada à carreira, procurando ascender no meio empresarial: neste momento, considera inclusivamente a hipótese de dirigir uma filial da empresa no estrangeiro, o que a obrigaria a longas temporadas de ausência do espaço familiar. A verdade, é que ambos acabam por dedicar pelo menos dez horas diárias à vida profissional, em detrimento, claro está, do tempo passado em família.

A extensão dos horários de trabalho e o elevado nível de exigência profissional gerou, ao longo da trajectória familiar, várias dificuldades de conciliação entre família e trabalho. Como Patrício recorda, ele e a mulher passaram por períodos em que foi particularmente difícil conciliar ambas as esferas e obrigações. Um dos mais complicados, lembra, foi quando a filha era pequena. Nessa época, Patrício trabalhava como director de exportação numa empresa e era obrigado a viajar bastante; a mulher era directora de exploração de uma outra empresa e tinha frequentemente de visitar lotas em várias zonas do país. Aliás, regressou ao trabalho passados apenas três meses do nascimento da filha, já ansiosa pela agitação da vida profissional. Em suma, ambos tinham de passar dias fora de casa, obrigação profissional que dificultava sobremaneira a prestação de cuidados à filha ainda bebé. Absolutamente fundamental foi, então, o apoio dos pais de Patrício, que decidiram mudar-se para o primeiro andar da vivenda em que este e a família viviam unicamente para poder apoiar o filho e a nora, tomando eles conta da filha do casal.

Gostariam de ter tido dois filhos mas, devido a tais dificuldades de conciliação e à decisão recíproca de não diminuírem o investimento profissional, acabaram por decidir não o fazer. Como ele diz: *Quero dizer, a gente está cá realmente mas saímos às oito da manhã e voltamos às oito da noite, quem é que toma conta dele, os meus pais?*. As dificuldades sentidas, aquando do nascimento da primeira filha, de conciliar a carreira com a maternidade e paternidade acabaram por vencer, sobrepondo-se ao desejo de aumentar a descendência. Ambos concordaram que não era possível, até porque os pais de Patrício já não tinham a mesma disponibilidade para ajudar a tomar conta de um segundo bebé, como fizeram com a primeira neta. Assim, tanto Patrício como a mulher optaram pela carreira em detrimento de um segundo filho.

Além disso, a mulher teve um problema de saúde há quatro anos, que inviabilizou a hipótese de mais um filho.

Para além do apoio dos pais de Patrício, o casal conta ainda com o auxílio pago de uma empregada doméstica, que trata da maior parte das tarefas domésticas, deixando a menor parte para uma divisão conjugal que, apesar dos valores modernistas de igualdade, tende a associar o homem às tarefas exteriores e a mulher às tarefas interiores à casa (v. Bourdieu, 1999). Assim, em geral, a *bricolage* e cuidados com o jardim e os cães são da responsabilidade de Patrício. Quando a empregada não está presente, é Júlia que trata da limpeza e arrumação da casa. Os cuidados com a filha sempre foram, todavia, organizados de forma mais paritária entre o casal. Quando a filha era pequena, Patrício e a mulher tentavam dividir os cuidados com a criança e alternar quando era necessário, por exemplo, levá-la ao médico. Mas, se estava doente nenhum deles ficava em casa, aí entrando o enorme apoio dos avós paternos. Justificando as suas posições através de uma lógica de equidade na distribuição do trabalho conjugal, Patrício, que vê o trabalho doméstico como um mal necessário, considera que este deve ser dividido de acordo com critérios de *bom senso e de justiça* e em função da situação profissional dos cônjuges. No seu caso, a dupla carreira pressupõe igualmente uma dupla participação nas lides domésticas e nos cuidados parentais.

Eu acho que a divisão das tarefas dentro de casa deve ser um reflexo das divisões das tarefas fora de casa. Nos casais em que a um dos membros do casal, normalmente ao marido, corresponde 100% do trabalho fora de casa, então ao outro deve caber 100% do esforço de trabalho dentro de casa. E conheço casos desses entre os meus amigos, como já lhe tinha falado. Nos casos, como é o meu, em que o esforço de trabalho fora de casa é dividido meio por meio, o esforço de trabalho dentro de casa por uma questão de justiça deve-o ser da mesma forma. Pronto.

A orientação igualitária é cúmplice de uma concepção do casal baseada na autonomia individual. Na verdade, Patrício considera que ele e a mulher não podiam ser mais diferentes um do outro, já que ela é muito introvertida e calada (Patrício compara-a ao seu pai), ao contrário dele, sempre brincalhão e risonho. Diz mesmo mais: ele e a mulher não têm nenhum interesse em comum, referindo-se aos lazeres, hoje uma das esferas de bem-estar mais importantes para Patrício. Apesar de tudo, a relação a dois tem funcionado bem, com base nessa combinatória de autonomia e igualdade conjugal. Patrício, ao demarcar-se de situações conjugais pouco igualitárias em que há um dominado e um dominante como acontece com alguns amigos seus, estabelece, por palavras próprias, essa articulação. A sua relação com a

mulher é uma relação de iguais, e tal dinâmica reconhece perfeitamente a diferença de maneiras de ser e de estar como algo positivo.

> *Eu acho que acima de tudo entre mim e a Júlia há uma grande amizade e um grande respeito mútuo. Acima de tudo. E só isso é que explica que a gente se dê bem há 17 anos de casados mais oito de namoro, porque não podíamos ser mais diferentes. Não temos nenhum interesse comum, nenhum.*

> *Que é um bocadinho aquilo que eu também vejo que aconteceu com os meus colegas cujas relações são mais estáveis e sobretudo, cujas relações são mais estáveis num ambiente de igualdade entre os dois membros do casal, porque há casais em que não existe uma relação de igualdade entre os dois elementos do casal. Eu tenho amigos que funcionam nessa base, em que há claramente uma relação de subordinante e subordinado. (...) Manda o homem! Obedece a mulher! Porque ela não trabalha, está em casa, é financeiramente dependente e portanto não tem muito voto na matéria. São felizes na mesma e dão-se bem na mesma, mas eu conheço dois casos desses, há dois casos desses no meu grupo de amigos chegados e aí eventualmente imagino que a relação será um pouco diferente, porque há talvez uma maior preocupação por parte da mulher em agradar, atrair, fazer algum charme, enquanto que no nosso caso, no caso dos outros meus colegas, é mais uma relação de iguais, do que propriamente uma relação de subordinante e subordinado. É mais uma relação de igual, é mais uma relação de igual.*

No campo das decisões e da negociação conjugal essa igualdade e autonomia de poderes são veementemente sublinhadas. No entanto, Patrício, apesar de reconhecer que é um *negociador nato* (ao contrário da mulher, que não é uma boa negociadora), salienta o carácter individualizado da sua relação conjugal, afirmando que em caso de desacordo, seria impossível encontrar consensos. Nenhum dos dois quereria ceder à vontade do outro e preferiria fazer as coisas à sua maneira, com recíproca autonomia:

> *Nunca aconteceu haver um assunto* [em que nenhum cedesse], *tenho a impressão que se algum dia houvesse um assunto em que a Júlia tivesse uma opinião inabalável e eu tivesse uma opinião inabalável, fazíamos as duas coisas, cada um fazia a sua.*

A autonomia e a diferença individual são, por conseguinte, valores dominantes no discurso de Patrício. No quotidiano, esta autonomia conjugal transparece nos ritmos temporais e nas actividades de cada um. Além da hora do jantar, momento de reunião familiar, os tempos conjuntos, só com a mulher ou em grupo familiar, parecem escassear e também não são particularmente valorizados por Patrício. Ao contrário, a interacção estabelecida com a filha

adolescente ganha uma tonalidade mais forte no discurso do entrevistado, que novamente reiterando a autonomia do casal, retrata a relação individualizada, dele e da sua mulher, com a filha, Susana. Um bom exemplo, pode ser encontrado na forma como fala da sua educação, quase sempre no singular (*para mim, é importante que, eu achei que era melhor para ela que, eu pu-la num colégio privado...*), esquecendo o papel da mulher nas opções e decisões tomadas relativamente a este aspecto. Além disso, Patrício e a mulher têm esferas de relacionamento diferenciadas com a filha:

> *De qualquer maneira, há coisas em que ela é mais próxima da Júlia do que de mim, mas porque são duas mulheres, não é, e portanto há certas coisas para as quais eu sou mais inapto. (...) Portanto, em certas coisas ela é mais próxima da Júlia, mas ela lê os mesmos livros que eu, vê os mesmos filmes que eu e com quem ela gosta de andar na pândega é comigo! Agora, mas há certas coisas em que ela claramente é mais próxima da Júlia. É natural. Mas temos uma relação, eu acho, extraordinária, pelo menos acho eu, quero dizer, não sei se ela acha da mesma maneira, mas para isso teria de lhe perguntar a ela, mas eu acho que sim, nós damo-nos muito bem.*

Na realidade, os pesos diferenciados concedidos ao "eu", ao "nós-conjugal" e ao "nós-família" constituem um elemento importante. Como observámos ao longo deste capítulo, o casal pode privilegiar tempo e actividades só a dois ou, ao contrário, incluir sistematicamente os filhos (ou mesmo outras pessoas) nesses acontecimentos. No primeiro caso o principal eixo de coesão é o "casal a dois", no segundo a "família nuclear" (Kantor e Lehr 1975; Kellerhals 1987). Numa terceira hipótese, a relação de maior proximidade e conivência pode não ser a de casal, mas ser, antes, a relação de cada um dos cônjuges com os filhos, como tende a suceder no presente caso, pouco centrado no "nós-casal".

Por outro lado, a autonomia é, de tal modo, uma questão central para Patrício, que insiste em transmiti-la à filha, já que uma das suas principais preocupações em relação ao seu futuro repousa no facto de ela ter sido desde sempre *super-protegida* e não estar preparada para *o mundo aí fora*. Um mundo (e aqui começamos a entrever o lado de masculinidade tradicional que resiste em Patrício) onde abundam os perigos. Os maiores, para Patrício, são os da sexualidade, mais desregrada entre os rapazes do que entre as raparigas, pelas distintas naturezas de género que possuem. Ora, Patrício, refazendo a seu modo essas *naturezas*, pretende transmitir à filha valores estereotípicos da masculinidade (o ser senhora de si, o ser activa...), que lhe permitam ultrapassar a tradicional passividade das mulheres e assim proteger-se da *natureza masculina* (v. Halberstam, 1998).

Referindo-se, por exemplo, a questões educativas, Patrício diz que haveria aspectos da educação da filha e da sua relação com ela que seriam diferentes caso ela fosse um rapaz. Um desses aspectos é a educação sexual, pois considera que rapazes e raparigas têm atitudes e comportamentos distintos no que se refere à sexualidade. O início da vida amorosa e sexual da filha seria uma preocupação menor se ela fosse um rapaz, pois são as raparigas que habitualmente têm o papel *passivo* nos relacionamentos.

> *Teria menos ciúmes, com certeza, e acharia... Sim, quero dizer, acho que me preocuparia menos, sim. E preocuparia menos por uma razão, quero dizer, porque no caso das relações correrem mal, normalmente os rapazes são mais agressivos do que as raparigas e portanto se eu tivesse um rapaz, se o meu filho fosse um rapaz, ele teria em princípio o papel agressivo e não o papel passivo. Portanto eu não teria que me preocupar em ter a certeza de que ele teria as ferramentas para não ser passivo. Enquanto que no caso da Susana, tive que garantir e tive que me preocupar em ter a certeza que lhe passava e transmitia as informações necessárias para garantir que ela não teria ou não terá um papel passivo. (...) A última coisa que eu queria que acontecesse era ver a minha filha cair embasbacada por um rapaz, pelo simples facto de ele ser um rapaz, ou porque ele tem um carro vistoso, ou uma roupa XPTO. Se ela tiver que cair por um rapaz, que caia pelas suas verdadeiras qualidades e não fique embasbacada por essas coisas. Se algum vier para cima dela com esses atributos, eu garanti que ela tem as armas suficientes para o mandar passear a ele e mais os atributos. Pronto, num rapaz talvez não tivesse tantas preocupações a esse nível, talvez.*

Apesar dos seus valores modernistas, traduzíveis numa visão igualitária e autónoma do casal, em certa medida incorporada através do exemplo dos seus próprios pais, Patrício revela uma identidade dividida, como parece ser o caso também de outros homens em conjugalidades associativas, entre um modelo de "homem participante", incluso nas dinâmicas da partilha conjugal (pelo menos no trabalho) e numa paternidade activa e presente, e traços mais tradicionalistas da masculinidade. Neste caso, não se trata de uma dualidade entre o "homem providenciador" e "o homem companheiro", como sucede em várias histórias familiares masculinas, mas de tensões geradas através do cruzamento entre referências diversas de masculinidade.

É agora a própria sexualidade o ónus da questão, mostrando outra das dificuldades enfrentadas pelos homens na sua relação com a "masculinidade hegemónica" (v. Connell 1995, pp. 76 e ss.). A articulação entre os modelos de masculinidade integrantes da ordem de género faz-se por relação ao que num dado momento e contexto constitui a masculinidade hegemónica, estabelecendo com ela relações de cumplicidade ou subordinação. Ora, a

sexualidade é uma peça-chave neste puzzle: a dominação masculina depende, mais do que da própria esfera do trabalho, de um determinado estilo de sexualidade (activa, compulsiva...), oposta à passividade do feminino ou à da própria homossexualidade masculina (o exemplo, por excelência, da masculinidade subordinada). O peso da sexualidade na definição do que é ser homem justifica, como se compreende, as frequentes dualidades entre dois pólos da masculinidade dominante: o ganha-pão, responsável pela família, e o homem sexualmente livre, aberto ao maior número possível de experiências. Na realidade os homens confrontam-se com os dois pólos ideal-típicos, não só gerindo as dissonâncias entre estes, mas, mais ainda, recriando práticas diferentes, mais ou menos à distância dos modelos ideais, dominantes ou não.

Em muitos casos, observámos a força do pólo "homem familiar", referindo as tensões advindas da perda de supremacia masculina no domínio do trabalho assalariado, consequente com um movimento de inclusão na família. Agora, observamos um outro confronto: aquele que se estabelece entre o "homem predador", ajustado a um sistema de dominação de género, e o "homem igualitário", a braços com uma luta de referências simbólicas e também de estratégias quotidianas, onde se entrecruzam diferentes categorias. O caso de Patrício é, deste ponto de vista, particularmente interessante. Ele é simultaneamente defensor da autonomia feminina e da igualdade de género na esfera do trabalho profissional, ao mesmo tempo que mantém caracteres tradicionalmente associados à ordem da dominação masculina, através de uma natureza sexual definida por oposição ao feminino. Tenta proteger a filha dessa "natureza", transmitindo-lhe traços idealmente masculinos, entende a fidelidade como uma questão mais sensível para os homens, insiste na solidariedade masculina entre pares, aproveita a independência da própria mulher para manter certas práticas de género, remanescentes da sua juventude e da liberdade que desfrutava no seu grupo de amigos. Fá-lo através dos convívios masculinos, onde as mulheres são figura distante ou mesmo ausente: os fins-de-semana de caça reavivam, mais do que os tempos passados, as categorias reprodutoras da própria masculinidade. Evidentemente, este é um processo complexo, dificilmente encaixável na simples dicotomia entre tradicional e moderno. Faz-se de entrecruzamentos e cumplicidades, mostrando uma das facetas, e muito provavelmente, uma das dificuldades (entre muitas outras possibilidades) enfrentadas pelos homens na definição de si em contextos sociais de multiplicidade de referências simbólicas.

Neste seguimento, vale a pena identificar dois exemplos interessantes no discurso de Patrício.

Um deles respeita à própria maneira como concebe a autonomia, acabando por identificá-la com a masculinidade. Uma mulher que queira ter uma carreira (e assim conquistar autonomia pessoal, como é o caso da sua mulher) terá que prescindir de certas coisas: ter menos filhos, ter uma licença de maternidade curta, ou mesmo não ter filhos. O contrato de género (Hirdman, 1998) seria desfavorável para as mulheres, negligenciando a prestação de cuidados aos filhos ou a outros (Fraser 1997). O discurso de Patrício sobre a igualdade de oportunidades ao nível profissional assenta na naturalização das diferenças entre mulheres e homens e numa concepção da parentalidade e da conciliação enquanto responsabilidades individuais, cujos "custos" não têm de ser assumidos pelas empresas e entidades empregadoras. O discurso sobre os potenciais efeitos negativos que o nascimento de filhos e a consequente ausência dos trabalhadores tem ao nível das empresas é formulado apenas no feminino e Patrício não refere a possibilidade de os homens se ausentarem da vida profissional por períodos mais longos nestas situações: são as mulheres que têm filhos, *os homens não tem filhos, mas não há nada a fazer, quero dizer, não podemos ter!* e portanto este é um aspecto que coloca necessariamente as mulheres em desvantagem relativamente aos homens. A não ser que elas se adaptem ao sistema. Não podemos esquecer que ele e a mulher acabaram por ter apenas uma filha, em grande medida, devido às dificuldades de conciliação da família com a carreira profissional.

Um outro aspecto interessante no discurso de Patrício prende-se com as suas opiniões sobre a família ideal, apoiada em valores de linhagem e de parentesco. Para ele, família ideal deve ser composta por pai, mãe, avós e um ou dois irmãos. Revelando, sob este prisma, algum conservadorismo, Patrício associa o ideal de família à descendência, definindo o casal através das suas funções reprodutivas. Por isso, ainda que considere família um casal sem filhos ou uma família monoparental, recusa as conjugalidades homossexuais. Um casal homossexual não é uma família, já que não cumpre a função e *raison d'être* da família, ou seja, a perpetuação da sociedade. Não deve, portanto, ter os mesmos direitos que as famílias heterossexuais. Ora, a recusa da homossexualidade, além de indiciar a resistência de concepções mais tradicionalistas de casal e de família, constitui um princípio de afirmação da masculinidade dominante, heterossexual e reprodutora, que, no caso, de Patrício, se apresenta em conformidade com o seu estilo de "ser homem": igualitário, democrático e associativo, por um lado, resistente a mudanças em certas concepções de género na definição da própria masculinidade, ainda vinculado, sobretudo pelo lado da sexualidade, a traços centrais da masculinidade hegemónica. Ao valorizar, nas pessoas

da mulher e da filha, a autonomia pessoal e o poder de negociação e imposição, Patrício procura dissociá-las de uma feminilidade tradicional, atribuindo-lhes alguns traços particulares da masculinidade, próprios da noção mais universalista de pessoa (Amâncio, 1994).

Conjugalidades paralelas: "Homens fora da família"

A masculinidade tradicional, apesar de apontar um modelo inequivocamente dominante de "ser homem", nunca esteve livre de contradições internas. A tensão entre o ideal do homem sexualmente livre ("o predador") e o homem comprometido com as responsabilidades familiares ("o provedor") foi historicamente construída como resultante da oposição entre "natureza" – ou seja, instinto, compulsão – e contenção – ou seja, controle, responsabilidade. O "homem responsável" (Collier, 1995) era afinal o que controlava os excessos da sua própria "natureza masculina". Esta tensão, implicada num contrato de género desigual, tem sido equilibrada de diferentes modos (Kimmel 1995). Por um lado, a difusão dos ideais românticos, como claramente transparece na passagem histórica da família instituição para ideais de companheirismo, compeliu o homem a tornar-se cada vez mais "familializado", mais incluso no ninho doméstico. Por outro lado, a crescente individualização das sociedades contemporâneas levou os homens a abraçar novos desafios. Mas, se muitos homens estão a tentar encontrar novos lugares na vida familiar, outros acabam por ficar de fora da família, como que "desfamilializados", ainda que nem sempre a ausência das rotinas familiares ou mesmo das responsabilidades enquanto provedores seja cúmplice de ideais conservadores. Este perfil, socialmente transversal, encontra-se em todos os níveis de escolaridade, em todos os grupos socioprofissionais e etários, em famílias de primeira conjugalidade e em famílias recompostas, talvez ainda em maior número.

Com efeito, identificámos, entre os homens entrevistados uma significativa variedade de trajectórias e de motivações, mas que podemos enquadrar em dois grandes grupos, ambos revelando fraca inclusão no quadro doméstico, no tempo e nos investimentos conjuntos. O primeiro retrata situações que, grosso modo, advêm de dificuldades de integração conjugal e familiar, seja porque se trata de processos de difícil adaptação do homem à família, normalmente associados a dinâmicas de recomposição familiar ou a trajectos marcados pelo desemprego masculino, por exemplo; seja porque se trata de histórias marcadas por problemas de relacionamento conjugal e por desamor. O segundo grupo inclui homens que se encontram pouco

presentes no quotidiano familiar, devido ao auto-centramento nos seus projectos e a uma "masculinidade não domesticada" que legitima a ausência de um espaço doméstico feminizado, resultando em separações de género fortes nas rotinas do dia-a-dia.

Trajectórias de des-integração e masculinidades incertas

No primeiro grupo, encontramos casos como o de Francisco (37 anos, 12.º ano, técnico de informática). Actualmente a viver numa segunda união de facto, Francisco sente grande dificuldade em adaptar-se às rotinas da nova vida conjugal. A verdade é que a sua companheira e os seus três filhos tinham já rotinas bem definidas antes de Francisco fazer parte da nova família. Neste sentido, Francisco continua ainda hoje a ver-se como um estranho numa família que é hoje também a dele.

Uma situação semelhante é vivida por Paulo (32, anos, ex-toxicodependente, 10.º ano). Actualmente desempregado, Paulo é sustentado pela mulher, que passa metade do ano fora de casa em virtude do seu trabalho num barco norueguês de passageiros. Nos períodos que ela está ausente, Paulo tenta, ainda que tibiamente, tomar conta da casa, do filho e do enteado, mas acaba por se afastar rapidamente das responsabilidades familiares, delegando-as nas suas próprias irmãs, a quem recorre em busca de apoio. Para Paulo acaba por ser mais importante usufruir do tempo livre que a sua situação de vida lhe permite, investindo nas saídas com os amigos e noutras actividades pessoais. No meio dos pares e no mundo das sociabilidades, Paulo reencontra a identidade positiva que não é capaz de obter através do trabalho remunerado ou sequer de um maior envolvimento nas rotinas familiares.

Um terceiro caso interessante, que narraremos com maior detalhe, é o de Henrique, homem de 53 anos, licenciado e arquitecto. Henrique teve uma trajectória assinalada por várias rupturas e recomposições: vive actualmente uma quinta experiência conjugal (que é o seu segundo casamento oficial) com uma mulher 13 anos mais nova e com uma filha de uma anterior relação, actualmente desempregada, a estudar no 10.º ano. Os seus dois filhos nasceram precisamente desses dois casamentos, o primeiro e o actual. Ao contar a sua história, descreve relações conjugais algo instáveis, em que nunca foi realmente capaz de encontrar o seu lugar. As dificuldades de ajustamento pessoal são, porém, particularmente acutilantes quando se refere à actual conjugalidade. Como ele próprio nos diz, reflectindo sobre as dificuldades relacionais nas conjugalidades contemporâneas:

> *... Agora, não é fácil, nos nossos tempos, ainda hoje... Nos nossos tempos de hoje, lá no tempo em que eu estou a falar, portanto há 20 anos, ainda menos. Estabelecer esse tipo de relação com uma mulher. Sabia que isso era importante para a vida e pá, digamos assim, pá, pá, para o crescimento da, da pessoa. Ser capaz de ser livre e assumir isso. Mas depois, como é que isso se faz? Não é? Porque, todos os modelos que eu tinha, herdados da minha, dos meus queridos pais, não tinham nada a ver com isso e eram o modelo tradicional do casamento e dos filhos e do... Percebe? Portanto, ehhh imagine a confusão que não ia na minha cabeça, não é? Ahhh.(...) Eu acho que a gente de facto está muito mais embrulhados nos modelos em que nasce e em que é educado, do que propriamente aqueles que a gente fabrica e que é capaz de entender.*

Na verdade, Henrique sente uma grande necessidade de autonomia pessoal, desejo que cresceu ao longo do seu atribulado percurso conjugal e familiar. Henrique casou pela primeira vez aos 21 anos, casamento que apenas teve lugar devido à pressão exercida pelos pais e pelos sogros. Como explicitamente afirma: *casar foi uma forma de os nossos pais de alguma forma nos arrumarem devidamente face aos olhos da sociedade*. Depois de onze anos de casado, Henrique divorciou-se e iniciou uma nova fase da sua vida marcada por várias relações *livres de compromisso*. Voltou, contudo a casar aos 32 anos com a sua actual mulher, na altura já mãe de uma criança de 3 anos. As dificuldades de relacionamento entre o casal conduziram Henrique a uma nova separação. Apaixonado por uma colega de trabalho, Henrique deu assim início a uma nova experiência conjugal que viria a terminar cinco anos depois devido a desacordos graves entre ele e a companheira. O facto de não querer ser novamente pai levou Henrique a terminar a relação, acabando por voltar a viver com a sua segunda e actual mulher. No entanto, apesar da longevidade da relação, Henrique considera-a em risco, chegando mesmo a afirmar que já desistiu. Actualmente precisa de pensar em si próprio, afirma:

> *O que não desisti foi de... Digamos, no fundo, hoje é um pouco, é ver um pouco a relação como um como um projecto mais solitário, menos..., talvez mais autónomo, do que via até agora... Acho que eh, eh, é um pouco... olhar para a... para a minha vida e para as minhas relações, de uma forma menos eh, digamos, esperando menos do outro. É. É mais isso. E, portanto, construir um projecto comum ou há essas condições ou se não há e eu tenho, ehhh, não tenho encontrado essas condições. Ahhh. Digamos, também tem havido, tem-se gasto muito tempo, digamos, numa digamos, numa, em conseguir que a própria relação ultrapasse questões muito importantes como a confiança. Porque, ahhh como deve calcular, a retoma de uma relação, não é? Que foi interrompida durante 5 anos por outra relação...*

Na verdade, além dos aspectos inerentes à própria história atribulada do seu casamento, Henrique considera que a mudança nas relações de género e no

lugar das mulheres representa um enorme desafio a enfrentar, sentindo-se obrigado a uma reconstrução de si próprio, na tentativa de encontrar uma forma mais moderna de estar na família, mais independente do próprio compromisso a dois. Mais do que uma vez, no balanço que faz da sua larga experiência, define a sua própria trajectória como estando em colisão com o modelo tradicional de família e de masculinidade. Parece-lhe, portanto, que os investimentos na vida familiar têm necessariamente de ser mais limitados do que as expectativas criadas pela tradição deixariam supor. O poder acrescido das mulheres, apesar de descrito de forma globalmente positiva, constitui para Henrique uma razão de fundo para explicar maior instabilidade das relações conjugais. Como refere:

> *Considero que as mulheres hoje são, cada vez mais, o centro de gestão de, de poder. De informação e de, de, das relações que se passam numa determinada comunidade. Pela forma como se ligam às pessoas, pela forma como trabalham as relações. (...) Para mim a entidade casal era... Digamos que para mim era a entidade mais potente enquanto eles estão de acordo, se eles não estão de acordo são, são a maior desgraça que pode acontecer a um indivíduo. Porque o outro tá sempre a minar toda a força que ele tiver. Percebe? E é isso que eu começo a encontrar.*

Para Henrique, as mudanças operadas na vida familiar e no papel das mulheres, mais activas e exigentes, deixa os homens a braços com desafios muito difíceis, para ele praticamente irresolúveis. Daí a sua *fuga* de um maior envolvimento na vida conjugal e familiar. Sem o suporte normativo dos modelos do passado, hoje incapazes de oferecer aos homens um guião de comportamento adequado enquanto maridos e pais, Henrique sente-se incapaz de encontrar um lugar próprio no seio da vida privada. Face às incertezas do presente, prefere assim desistir. Como faz questão de acentuar:

> *... é uma questão que eu acho que tem a ver muito com o nosso tempo. Os homens não estão preparados, não estão preparados para (...) E os homens (...) já não sabem ser homens, logo primeira coisa que os atrapalha. O que é isso, ser homem? Faz-se o quê? Faz-se como? Não é, não é nada fácil. (...) nas relações, o papel de cada um é, está cada vez mais complicado, e eu digo complicado também para as mulheres. O facto delas assumirem as posições que assumem não é impunemente. E, portanto, tudo isto são facturas que se vão pagando, não é?*

Autocentramento e desfamilizalização da masculinidade

Na segunda situação encontramos histórias conjugais e familiares como as de Nicolau ou Marcelo, que brevemente reconstituímos.

Nicolau, de 30 anos, 9.º ano, estafeta de distribuição de documentação, é casado há 6 anos, pela primeira vez. Casou pela igreja depois de 8 anos de namoro (ele tinha 16 anos) porque a mulher engravidou, apressando assim a entrada na vida conjugal e na parentalidade. Nicolau teve dificuldades em integrar-se na dinâmica familiar, em grande medida, porque privilegiava um estilo de vida mais autocentrado, sem cortes marcados com os tempos de solteiro. O tempo fora de casa e sobretudo aquele que dedicava às sociabilidades e saídas com amigos foram sempre uma peça fundamental da sua forma de vida, limitando-lhe o tempo para a família, para participar nas tarefas da casa e nos cuidados com os filhos. O seu quotidiano doméstico acabou assim por pesar nos ombros da mulher, tornando-se evidentes as separações de género, irreconciliáveis com o seu estilo de homem ausente. Presentemente, encontra-se fase de transição em que procura integrar-se mais no casal e na família nuclear, devido a pressões da mulher para que ele mudasse a sua maneira de agir na família. Nicolau acaba, ao nível do discurso, por se mostrar extremamente dividido entre um ideal de família fusional e cooperante, que não consegue concretizar nas práticas, e o centramento em si próprio. Fala reiteradamente do seu esforço, sobretudo nos últimos tempos, para mudar e *estar na família*: sem dúvida, a inclusão é, para ele, uma luta difícil. Sente, pois, que teve que abdicar de muita coisa para dedicar mais tempo à família (só ficou com as sociabilidades desportivas de sábado).

Por seu lado, Marcelo, de 38 anos, com o 11.º ano de escolaridade, é empresário (é vendedor de óptica), com sucesso financeiro, auferindo francamente mais do que mulher. Casou pela primeira vez há 13 anos. Depois de um namoro de 9 anos, casou pela Igreja aos 24 anos e foi pai 5 anos mais tarde. A sua trajectória precoce de integração conjugal não se traduziu, todavia, numa grande inclusão na família, no presente. A responsabilidade da gestão quotidiana da família é exclusiva da mulher, enquanto ele se dedica à vida profissional, esfera extremamente importante na sua realização e identidade. Aliás, ele (até porque ganha bastante mais do que a mulher) sente-se o principal ganha-pão da família, dimensão importante da masculinidade e das relações de poder no casal. No quotidiano, valoriza o espaço pessoal, está muito pouco tempo com a família e não participa nas tarefas, acha que não se deve contar tudo, muito menos infidelidades (que só existem se o outro souber delas). Para ele, é importante a mulher estar bem adaptada às suas necessidades pessoais: chega a compará-la a um sapato confortável que lhe serve no pé, frisando as suas capacidades como esposa e mãe. A passagem de um modelo de homem livre para um de homem com família (neste caso, claramente o providenciador) é recordada como uma transição muito difícil para a estabilidade e a

responsabilidade. Responsabilidade que, no entanto, não implica lógicas centradas na co-presença e na cooperação doméstica. Até, porque a visão de género que tem do casal e da família é extremamente tradicionalista desse ponto de vista: homem e mulher têm papéis e esferas diferenciadas de acção. Contudo, Marcelo é familialista, novamente apelando a um quadro institucionalista de família. Hoje em dia os filhos são apresentados como essenciais, a razão de ser da família e as reacções negativas face ao divórcio advêm precisamente dessa visão familialista.

Conclusões

Num contexto em que profundas mudanças atravessam a sociedade portuguesa, alterando a geografia tradicional das relações de género, este capítulo teve como principal objectivo "entrar no lado de dentro da vida conjugal e familiar" a partir de um ponto de vista masculino, investigando com detalhe as práticas e as identidades diversificadas dos homens, hoje a braços com os desafios impostos por novas formas de masculinidade. Face ao movimento de erosão de um modelo de família institucionalista, encabeçado pela autoridade masculina e pela figura do homem ganha-pão (o *provedor*), bem com ao incremento de valores companheiristas de igualdade, negociação, afectividade, importava escutar as histórias e as vozes dos homens, cônjuges e pais, aferindo da sua participação na família e dos seus valores, bem como das suas dificuldades e tensões.

Uma primeira conclusão a salientar prende-se, efectivamente, com a grande diversidade de formas de construir a masculinidade na família, encontrada entre os 37 homens cujos percursos e afirmações analisámos. Consoante os contextos sociais, as gerações, os capitais herdados e adquiridos, a socialização na família de origem e os tempos de integração conjugal e parental, a trajectória pessoal e familiar, o tipo de família actual (recomposta, de primeira conjugalidade, união de facto, casamento, com muitos ou poucos filhos), variam também as maneiras como os homens se incluem na dinâmica familiar, as formas como pensam a sua autonomia, o grau de colagem da identidade à família. Por outro lado, uma segunda ideia importante deve reiterar a relação umbilical entre família e masculinidade, como advogámos na introdução deste capítulo.

À semelhança das mulheres, os homens são, também eles, protagonistas das transformações operadas na vida familiar e nas relações sociais de género, muito embora as mudanças verificadas estejam longe de seguir um padrão

único. Por um lado, a conjugalização de vida familiar centrada nos afectos, na cooperação, na inclusão quotidiana, numa parentalidade/paternidade activa veio desafiar os homens a construir uma masculinidade mais "familializada", mais inclusa nas dinâmicas da vida privada. Por outro lado, a individualização crescente de uma família orientada para a realização dos seus membros e a autonomia entre o casal e entre pais e filhos tem-se também traduzido na busca de um lugar próprio e de uma identidade masculina autónoma na vida familiar. Muitas vezes, como vimos, a incapacidade de enfrentar a mudança ou de reconstruir uma masculinidade mais paritária na vida de casal e na relação com os filhos leva os homens a desfamilializarem-se, a encontrarem na ausência do quotidiano familiar a única forma de construção de uma identidade positiva. Evidentemente, estes movimentos de mudança, assinaláveis nas histórias familiares dos homens, estão longe de ser lineares, homogéneos ou de se conformarem ao simples binómio entre tradicional e moderno. Existem, como se verificou, homens e famílias bastante institucionalistas entre os nossos entrevistados. Além disso, as diferenciações de género continuam a manifestar-se em várias frentes, não só as das desigualdades objectivas (como as de horas de trabalho profissional, as de nível salarial, as existentes na divisão do trabalho doméstico e dos cuidados com as crianças), mas também as que advêm de concepções profundamente incorporadas sobre a feminilidade e a masculinidade. Contudo, é sobretudo através de uma *bricolage* de referências (Beynon, 2002) que os homens renegoceiam os seus poderes e papéis tradicionais.

A maioria dos homens, mesmo os mais modernistas e igualitários, não ultrapassam a associação do feminino à maternidade, revelando aí algumas das tensões colocadas ao acto de "ser pai". Muitos deles encontram-se divididos entre a responsabilidade de prover a família e a de ser companheiro (embora se trate mais de um "providenciador", que aceita a ajuda da mulher no trabalho pago, do que de um homem provedor no sentido mais tradicional das categorizações de género). Outros lutam para se incluir na família, vencendo o auto-centramento, conforme aos cânones da dominação masculina, em si próprios. Outros, ainda, gerem, de forma frequentemente ambivalente, a relação entre autonomia, inclusão familiar e igualdade conjugal, evidenciado desigualdades conjugais menos habituais e identidades feitas da cumplicidade de categorias quase antagónicas. De uma ou de outra forma, a existência de mudanças nos lugares dos homens no casal e na família deve ser assinalada como tendência relevante na sociedade portuguesa actual.

Neste sentido, identificámos, primeiramente, um movimento de construção do casal fusional, sinalizando, como comentam alguns autores (Elias 1993;

Giddens 1996), o distanciamento face a uma matriz de família instituição no seu sentido mais tradicional, a favor de tendências de inclusão do homem no domínio privado. Este é também, do ponto de vista das identidades masculinas, um movimento do "homem providenciador" para um "homem companheiro".

Nesta linha, encontramos, primeiro, homens com visões institucionalistas e "genderificadas" da família, em que o casal é entendido como relação de género, embora dificilmente se encaixem no modelo de ganha-pão masculino ou no de família autoritária e desprovida de afectos. A separação tradicional dos géneros, prevalecente na organização do quotidiano, sofre já os efeitos da primazia simbólica dada ao casal afectivo e fusional, abrindo brechas para a mudança. Do ponto de vista das orientações normativas, o casal é, indubitavelmente, uma "aliança de género". Neste âmbito, o homem vive para e pela família, mas assume-se primeiramente como um "providenciador".

Uma segunda dinâmica é bastante semelhante às famílias bastião, e mais tarde às famílias *cocoon*, identificadas por Kellerhals *et al.* (1982, 2004). O casal é visto como uma unidade onde se juntam recursos, tempos quotidianos, projectos e identidades; a sua primeira finalidade é claramente a formação de uma família com filhos, o "nós" privilegiado acima do indivíduo e mesmo do casal. As diferenças entre homens e mulheres continuam a fazer parte do funcionamento interno da família, materializando-se na divisão das tarefas e nas diferentes competências da maternidade e da paternidade. No entanto, ao contrário do caso anterior, a palavra "ajuda" já aparece integrada no vocabulário (e nas práticas) dos homens. Todavia, apesar de todas as mulheres terem profissões remuneradas, estes homens sentem-se como principais responsáveis pelo sustento da família: o trabalho delas é visto sobretudo como um apoio, um apoio importante e imprescindível, que os tempos actuais exigem, mas, apesar de tudo, um apoio ao "papel masculino", ainda o principal ganha-pão.

Um terceiro estilo de casal fusional (de matriz companheirista, mais paritária, modernista) acentua, em linhas gerais, o pendor relacionalista da conjugalidade e um maior o esforço de inclusão do homem na família. Estes são homens cujos discursos apelam a uma representação de si como cônjuges e pais afectivos e igualitários, apresentado como sua a grande batalha da inclusão masculina na dinâmica familiar. A entrada masculina na vida privada já não é a de um homem que quer ajudar a mulher no desempenho das suas competências femininas, continuando, em grande medida, a ser-lhes estranho, mas a de um homem que assume o esforço de construir uma identidade

multifacetada. Do ponto de vista simbólico, as diferenças de género reduzem-se, e nas práticas quotidianas encontramos homens mais participativos, embora sobrevivam desigualdades salariais e cargas horárias de trabalho profissional maiores para eles do que para elas. São também homens que, ao contrário dos casos anteriores, mais vinculados a meios populares e a baixos capitais escolares e sócio-profissionais, podemos encontrar em qualquer meio social, denotando a transversalidade dos ideais companheiristas. De uma forma geral, a construção do casal fusional, conjugalizado e voltado para o grupo familiar, constitui uma tendência importante de desinstitucionalização da família e, mais ainda, de inclusão masculina na vida privada. Constitui, em traços gerais, um verdadeiro movimento do "homem-provedor", institucionalista e regulador, para o "homem companheiro", relacionalista e democrático, como os que aqui procuramos descrever. De facto, estes homens definem-se mais claramente como "companheiros", distanciando-se do "homem providenciador", um estilo de provedor modificado pela aceitação do trabalho feminino, que encontrámos entre os nossos entrevistados.

Num segundo momento, identificámos um outro movimento importante na construção da família e da masculinidade. Retratando agora processos de individualização no seio da família, vislumbramos um movimento do "homem familiar", acima de tudo empenhado na vida da sua família e na gestão da relação, mais ou menos cúmplice ou tensa, entre uma identidade de providenciador e uma de companheiro, para o "homem indivíduo", orientado para a realização de si e a autonomia individual, ainda que o casal e a família continuem a representar instâncias centrais de bem-estar pessoal. O "homem indivíduo", inserido em conjugalidades associativas, pretende conjugar o estar no casal e na família de forma empenhada com a vida pública, com a realização de si noutras esferas. Ora, esta observação em profundidade permitiu-nos identificar vários estilos de construção do casal associativo, em cada um deles identificando traços particulares e também formas diferenciadas de relação entre autonomia, igualdade conjugal e identidade social. Sem dúvida, reiterando conclusões de outros estudos vale a pena voltar a sublinhar a relação entre elevados capitais escolares e conjugalidades associativas.

Contudo, na maioria dos casos, o casal associativo, em que o homem encontra espaço para construir uma masculinidade individualizada pauta-se pela desigualdade de género. Ao contrário do que sugere o ideal-tipo paritário que identifica habitualmente este modelo, a ênfase na autonomia é muitas vezes cúmplice de lógicas pouco igualitárias. Uma primeira lógica enfatiza, então, a justaposição entre o "investimento masculino na carreira profissional",

exigente de uma grande autonomia pessoal, e dinâmicas de maior fusionalidade conjugal. Esta junção, algo híbrida, de termos pretende salientar a cumplicidade entre lógicas individualizadas de investimento em si e na carreira profissional em detrimento de um maior tempo de co-presença no seio da vida familiar e doméstica, e lógicas fusionais de valorização da integração conjugal, do projecto de paternidade, bem como de uma inserção profunda na família alargada, nas relações de parentesco. Do ponto de vista da identidade masculina, as divisões também são observáveis, entre um homem voltado para fora, para si próprio e o seu projecto de carreira, e um outro homem que carrega sentimentos de culpa por sobrecarregar a mulher, por não estar mais tempo com os filhos, por não se ter ainda livrado de todos os machismos incorporados ao longo da vida. Um homem que quer ser companheiro, mas que não deseja prescindir de si próprio em prol da família. Trata-se aqui, ao contrário, das tendências precedentes, das tensões entre um companheirismo incluso na família, no seu dia-a-dia, e o investimento na individualidade, na realização do homem enquanto indivíduo público.

Um segundo perfil identifica conjugalidades de estilo "associativo desigual". Aqui, o investimento em si próprio é normalmente cúmplice de uma dinâmica profundamente marcada pela desigualdade de género. Fundado em orientações para a autonomia individual e em práticas consentâneas com esse acento forte na realização pessoal, além das gratificações obtidas na vida familiar, este tipo de casal não deixa de albergar significativas desigualdades conjugais. Na verdade, o projecto de realização de um dos cônjuges torna-se dominante, acabando o outro por servir de suporte à estratégia individualizada do primeiro. Reafirma-se, por conseguinte, que dinâmicas fundadas em formas modernistas de autonomia podem albergar desigualdades menos habituais numa leitura de género. A própria construção da identidade masculina foge, nestes casos, à codificação mais habitual das relações sociais de género. Nuns casos, é o homem que domina no cenário doméstico, invertendo as relações de poder tradicionais entre os géneros e tornando suas competências tradicionalmente femininas. Assim retirando, portanto, poderes tradicionais às mulheres, masculinizando-os ou feminizando-se a si próprio. Noutros casos, domina-se também na vida pública, acumulando poderes e sobrepondo categorias e responsabilidades numa estratégia de reconstrução da dominação masculina tradicional: agora a dominação que acaba por ser exercida estruturando um casal desigual faz-se através de novos encontros entre categorias de género. Trata-se de um homem, que à laia do que sucede com muitas mulheres, pretende construir uma identidade multi-facetada, incorporando competências femininas, mas mantendo a autonomia enquanto traço profundo da masculinidade.

De uma forma ou de outra, parece ser difícil para os homens, sobretudo em quadros modernistas de construção associativa do casal, gerirem as múltiplas referências com que se confrontam. Sentem as tensões que advêm, por um lado, do abandono de masculinidades tradicionais centradas no provedor, na autoridade e numa ética de responsabilidade, a favor da igualdade de género e da reconfiguração de si na família; sentem, por outro lado, as dificuldades em "colar" várias referências de masculinidade, debatendo-se com variadas ambivalências e inversões das relações de género tradicionais. É um homem que se feminiza, por um lado, acumulando poderes femininos tradicionais (apesar de uma última barreira imposta pela simbologia da maternidade), é um homem que torna femininas categorias tradicionalmente masculinas, é um homem que sente tensões ao tentar ultrapassar o hiato entre valores e práticas de desigualdade no casal. Como vimos, lembrando o caso de Filipe, a relação de desigualdade não pende sempre para o lado feminino; no caso, era ele quem assumia um lugar tradicionalmente feminino, obrigando-se a reinventar uma identidade.

Um terceiro perfil de casal associativo (o "associativo forte") assenta, por outro lado, numa declaração forte de autonomia individual acompanhada de maior paridade entre o casal. Estas conjugalidades distinguem-se pela simultaneidade de autonomias, a do homem e a da mulher, ambos claramente orientados para o investimento em si através da inserção na vida pública (numa carreira de sucesso). Na vida privada predomina a negociação: mais do que valorizar o consenso, os cônjuges acentuam as maneiras de fazer individuais. Na relação a dois, na relação com os filhos, valoriza-se a especificidade de cada um dos membros da família e procura-se organizar o quotidiano sem que excessivas concessões pessoais ameacem a afirmação da individualidade. Em suma, são estas as conjugalidades mais próximas de um ideal de família de dupla carreira, orientada para valores modernistas de autonomia.

No entanto, este estilo de conjugalidade não está isento de tensões, nomeadamente as que se encontram na relação entre autonomia, igualdade conjugal e construção da identidade masculina. Apesar dos valores modernistas, as identidades masculinas aparecem divididas entre um modelo de homem companheiro, incluso nas dinâmicas da partilha conjugal (pelo menos no trabalho) e numa paternidade activa e presente, e traços mais tradicionalistas da masculinidade. Não se trata de uma dualidade entre o "homem providenciador" e "o homem companheiro", como sucede em várias histórias familiares masculinas, mas de tensões geradas através do cruzamento entre referências diversas de masculinidade. Acabamos por vislumbrar o confronto entre o "homem predador", referência central da masculinidade hegemónica, e o

"homem igualitário", a braços com uma luta de categorias simbólicas e também de estratégias quotidianas. Estes são processos complexos e dificilmente classificáveis através de uma oposição simples entre tradicional e moderno. Mostram uma das facetas, e muito provavelmente, uma das dificuldades enfrentadas pelos homens na definição de si em contextos sociais de multiplicidade de referências simbólicas.

Por último, identificamos situações menos conformes aos cânones da autonomia modernista (relacionalista, democrática, idealmente igualitária), e retratamos casais cujo quotidiano é vivido de forma bastante separada, prevalecendo essas dinâmicas de separação na organização dos recursos, nos projectos, nas concepções de si mesmo. Estes casais de estilo paralelo, em que o homem surge com uma identidade "desfamilializada" surgem no presente como produto de variadas trajectórias conjugais e individuais: associadas à recomposição familiar, ao desemprego masculino, a uma determinada história afectiva do homem entrevistado. Demonstram, sobretudo, uma tendência importante no retrato dos homens na vida familiar, assinalando as dificuldades de inclusão sentidas, no masculino. Muitos homens encontram-se frequentemente bastante "fora" da família, revelando fraca integração familiar e doméstica. Este é um perfil socialmente transversal: encontra-se em todos os níveis de escolaridade, em todos os grupos socioprofissionais e etários, em famílias de primeira conjugalidade e em famílias recompostas. Na verdade, estes homens não são nem provedores, no sentido tradicional do termo, nem companheiros, antes buscando realização pessoal e mais-valias identitárias em esferas alternativas à família e mesmo ao trabalho, em alguns casos. A incapacidade em encontrar um lugar no seio familiar e o centramento em si mesmos constituem elementos cruciais para compreendermos a falta de participação masculina na vida familiar. À laia do que sugere Therborn (2004) ao reportar-se à erosão do sistema patriarcal, a incapacidade de muitos homens em lidarem com a perda dos poderes que lhes eram reservados na vida privada (e na vida pública) pode promover a busca de outras formas de poder, à margem dos códigos tradicionais da responsabilidade masculina na família ou dos modernos valores da inclusão, da partilha e da igualdade.

Em suma, no presente a vida familiar constitui um cenário dinâmico, marcado pela mudança no lugar tradicional dos homens. Contudo, como procurámos demonstrar, a recusa dos esquemas tradicionais da dominação masculina não se traduz nem num estilo de família predominante, nem numa masculinidade inteiramente redefinida por novos valores de companheirismo, afectividade e igualdade. Na maioria dos casos, prepondera uma negociação difícil entre novos e velhos traços. Muito frequentemente, a família e a masculinidade

transportam caracteres híbridos. O declínio do "homem provedor e autoritário" tende, antes, a promover a justaposição de diferentes valores e diferentes práticas, à medida que o ideal de um homem cuidador vai sendo incorporado na velha ética da responsabilidade masculina e na figura de um homem ganha-pão e guia da família.